



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

GEORGE FERREIRA DA COSTA

**A CIDADE ESCRITA NO TEMPO:**  
Memória, política e viveres urbanos em Cococi-(CE).

PICOS, PI  
2017

GEORGE FERREIRA DA COSTA

**A CIDADE ESCRITA NO TEMPO:**

Memória, política e viveres urbanos em Cococi-(CE).

Trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação da Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

PICOS, PI  
2017

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**C837c** Costa, George Ferreira da  
A cidade escrita no tempo: memória, política e viveres urbanos em  
Cococi-(CE) / George Ferreira da Costa. – 2017.  
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (60 f.)  
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)-  
Universidade Federal do Piauí., Picos, 2017.  
Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

1.Cococi-CE-História. 2.Feitasas, Família. 3.Memória. I. Título.

**CDD 981.813 1**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

#### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezoito (18) do mês de Julho de 2017, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **George Ferreira da Costa** sob o título **A cidade escrita no tempo: memória, política e viveres urbanos em Cococi-(CE)**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador 1: Profª Es. Renata de Oliveira Sousa

Examinador 2: Prof. Es. Robson de Lima Fernandes

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0.

Picos (PI), 18 de Julho de 2017

Orientador (a): Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador (a) 1: Renata de Oliveira Sousa

Examinador (a) 2: Robson de Lima Fernandes

Ao meu Deus, o autor da vida, meu sustento e amigo. Ao meu avô Assis, que me ensinou os “viveres e os caminhos do sertão”. E a toda minha família, por sempre acreditar em mim.

## AGRADECIMENTOS

A concretização dessa jornada não seria possível sem o apoio, incentivo e a contribuição de algumas pessoas que durante essa árdua caminhada me fizeram seguir adiante e acreditar que seria possível, pessoas que mostraram compreensão e positividade e que de forma atenciosa me encorajaram. No entanto, escrever esses parágrafos de agradecimentos foi tão difícil quanto à escrita desse trabalho, pois por se tratar de sentimentos, sobretudo de agradecimentos muitas das palavras insistem em não sair. No entanto, não poderia deixar de agradecer a pessoas tão importantes que contribuíram de alguma forma para a realização desse sonho.

“Por vezes, senti meu corpo fraquejar e você meu **Deus** estendestes tua mão e ergueste-me” Quero agradecer em primeiro lugar a Deus por ter me dado forças para concluir esse degrau de minha trajetória acadêmica e por ser tão amigo nos momentos mais difíceis. Em ocasiões achei que não iria conseguir, todavia, a sua poderosa mão me sustentou, e debaixo de suas asas encontrei um porto seguro. Agradeço-te Deus!

À minha família, peça fundamental que representa o amor e cuidado que eu sempre precisei. Aos meus pais Raimunda e Eluilson, pelo incentivo e força. À minhas irmãs, Ana Raquel e Ana Claudia pela ajuda sem medir esforços, aos meus sobrinhos Rubens, Samuel Levy e a princesa Geovanna pela alegria que me proporcionam. Sem esquecer-me do meu querido avô Assis, obrigado por ser tão forte frente a momentos tão turbulentos, por me passar tranquilidade em meio a tantas dificuldades. Vocês são meu porto seguro. Obrigado por me ajudarem em todas as etapas dessa trajetória, pelo amor e atenção que sempre destinaram a mim!

Ao meu irmão/tio Jesus Carolino (in memoriam) em nome de toda uma vida, *nossa velha infância*<sup>1</sup>, de todas as histórias que construímos. Iríamos iniciar essa caminhada acadêmica juntos. Lembro-me da ansiedade pré-ENEM e pós-aprovação, porém, nem tudo foi como planejamos. No entanto, assim como o prometi naquele dia nublado e de silêncio, que iria continuar lutando com força de vontade e persistência, hoje carrego fortemente isso aqui comigo, de lutar tal qual você lutou, pois hoje *eu sigo e nunca me sinto só*. Sei que está muito feliz por essa conquista! Aos primos Lucas e Luana, por serem tão presentes em minha vida. Tamires *bibi*, Jaqueline, Jamilson, Eveline, Tatiely por me passarem energias positivas. A minha tia Mistela por me apoiar em tudo, sobretudo, a Família Ferreira, tios, tias, e todos os primos. Obrigado por tudo! Amo vocês.

---

<sup>1</sup> Trecho da música Velha infância - Tribalistas

Também queria registrar meus agradecimentos a minha prima Lu, minha companheira desde o começo. Planejamos e sonhávamos isso há quatro anos, vivemos tudo isso juntos, seja em momentos de angústia, “perrengues”, mas, sobretudo, risadas, alegrias e afetos, faço uso de suas palavras: “Momo, nós conseguimos!” Também não podia esquecer minha tia Loza tão presente nesses momentos, tem minha gratidão. Sem esquecer-me de minha querida Emanuela Alves (Momo), que sonhou isso conosco, também vivenciou de perto as nossas angústias, apesar de tudo, hoje eu ressalvo: “nunca é tarde para sonhar”. A toda a Família Costa desde o vovô, tios, tias, primos. Vocês são essenciais na minha vida.

À todos os amigos de luta, aqueles que durante essa trajetória se fizeram tão presentes e atenciosos e que sempre quando precisei ali estavam. Ao meu amigo Emanuel Batista uma das pessoas mais incríveis que já conheci e que nunca mediu esforços em me ajudar e apoiar em todas as minhas decisões. Ao “*migs*” Jardel Alves pela parceria durante todo o curso, pela prontidão em me ajudar sempre quando precisei. À Genilda Neiva pelo carinho e afeto destinado a mim. Ao *amiguinho* Paulo Lúcio pela alegria e boa energia que sempre me passou. Ao outro Paulo, o Estácio, pela ajuda e força nos momentos de tensão e pela amizade desde o início do curso. À Jessica Luz por me ouvir nas horas de angustias e descontração. À minha amiga Ramone Sousa pela amizade sincera e as ajudas quando careci. Aos compadres Paulo Henrique e Jailson por toda descontração e amizade. Agradeço a todos pelos momentos de descontração em meio a tantos de turbulências. A toda turma 2013.1, juntos construímos muitas histórias que estarão comigo sempre.

Às minhas queridas amigas Camila Ramos, Rayra Atsley, Lanna Karen, Francimary e a nossa ‘Chico Santo’ Nadiely. O nosso grupinho de seis, de muitas histórias, aventuras, alegrias e tristezas. Hoje sei que a amizade não escolhe lugar, diferenças, ocasião, nem estado de humor, pois em meio a tantas distinções, essa aliança se manteve sempre forte. Camila minha parceira desde o trote, amizade que percorreu todo curso, e quero levar pra vida. Rayra com jeito bravo e ao mesmo tempo amoroso me conquistou facilmente. Nadiely com toda sua experiência me ajudou a ver as coisas de outra forma. Fran, com seu jeito único de ser, com toda sua calma me mostrou o lado bom da vida e a importância da amizade, e por fim, menos importante, Lanna Karen, turbilhão de afetos, momentos... Com você eu aprendi a intensidade das coisas, sobretudo, a valorizar aquilo que temos. Agradeço a cada uma.

A todos os meus professores, em especial Fábio Leonardo, Nilsângela Cardoso, Ana Paula Cantelli, Dayvid Magalhaes, Karla Oliveira, Carla Silvino, Ana Maria Koch *in memoriam*, Raimundo Lima e Mona Ayala. Todos vocês se tornaram referências de grandes mestres, compromisso e ética. Levarei tudo que aprendi. Obrigado!

Ao meu orientador Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro, pela leveza em se dispor sempre que precisei, pela competência na condução desse Trabalho de Conclusão de Curso. A banca examinadora pela honra disponibilidade de estar presente nesse momento. Aos meus depoentes que trouxeram riqueza e legitimidade a essa pesquisa.

Ao Programa Institucional de Iniciação a Docência – PIBID, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, por ter me proporcionado em três anos uma experiência que levarei comigo sempre, também pelo apoio financeiro, que me proporcionou possibilidades para a realização desse sonho.

Finalizo ressaltando que hoje um ciclo se fecha, porém, também é ponto de partida para outros sonhos e projetos que virão “Para o infinito e além”<sup>2</sup>. A todos o meu muito obrigado!

---

<sup>2</sup> Frase lema do personagem principal do cartoon Buzz Lightyear do Comando Estelar.

À medida em que a natureza se recompõe, a vastidão dos meus silêncios e a corrosão impiedosa e fria do meu abandono aumenta.. Procuro por crianças e suas brincadeiras barulhentas. De que bandas chegaram notícias alvissareiras de novos moradores? Em que empreitadas difíceis meus varões empreenderam e não voltam para desbravar e povoar os meus sertões? Onde encontrar os sussurros das anáguas falando de desejos, segredos e silêncios? Busco mãos que me amparem, enquanto desmorono carcomida pela atrocidade do tempo, sofro pelas ausências de ruídos ruidosos até dos moinhos de vento. Denominavam-me de Fantasma. Por que teimo e não me transformo de vez em pó e cumpro as escrituras?

### **Eneida Feitosa**

O sertão vem e volta. Não adianta se dar as costas. Ele beira aqui, e vai beirar outros lugares, tão distantes. Rumor dele se escuta. Sertão sendo do sol e os pássaros: urubu, gavião – que sempre voam, às imensidões, por sobre... Travessia perigosa, mas é a da vida. Sertão que se alteia e se abaixa. Mas que as curvas dos campos estendem sempre para mais longe. Ali envelhece vento. E os brabos bichos, do fundo dele...

**(João Guimarães Rosa)**

## RESUMO

A pesquisa em questão analisa as marcas e memórias da cidade de Cococi-CE, despovoada no sertão dos Inhamuns em 1968. Sua história remonta o período da colonização no Ceará, foi por meio de João Alves Feitosa que a família Feitosa chega ao Brasil, vindo de Portugal na primeira metade do século XVII. Nessa região tem início o longo patrimônio sesmarial da Família Feitosa no Ceará, na medida em que estes queriam utilizar essas terras para pecuária, criação de gado e cavaleiros, dando a essa família um papel de proeminência, marcada pelas relações de poder e domínio incontestável. Nesse contexto, a vila de Cococi, sob o domínio dos Feitosas, começa a ganhar destaque, na medida em que os Feitosas perdem sua influência política em outros locais. Agora, colocar Cococi na categoria de município, começava a ganhar força e consistência. Assim, em 1957, a vila tornou-se município do Ceará continuando com esse título até 1968 quando foi rebaixada a Distrito de Parambu-CE, sua desconstituição envolvem questões administrativas e uma série de disputas pelo poder político entre os próprios membros da família Feitosa que fizeram a população evadir para outros locais, de modo que atualmente, Cococi tornou-se um espaço de memória, onde a desolação e o esquecimento faz parte das ruínas e do cenário atual. Portanto, esse trabalho se propõe a trabalhar com as marcas e memória dessa cidade e, sobretudo, analisar a partir da História Pública a difusão da memória dessa despovoada cidade a partir das produções fotográficas, o museu, jornais, revistas e outros espaços.

**Palavras-chave:** Cococi-CE, Feitosas, Memória, História Pública

## ABSTRACT

The research in question analyzes the marks and memories of the city of Cococi-CE, uninhabited in the backlands of the Inhamuns in 1968. Its history goes back to the period of colonization in Ceará, it was through João Alves Feitosa that the Feitosa family arrives in Brazil, coming Of Portugal in the first half of the 17th century. In this region, the long family patrimony of the Feitosa Family began in Ceará, as they wanted to use these lands for livestock, livestock and cavalry, giving this family a prominent role, marked by uncontested power relations and domination. In this context, the village of Cococi, under the control of the Feitosas, begins to gain prominence, insofar as the Feitosas lose their political influence in other places. Now, putting Cococi in the county category, began to gain strength and consistency. Thus, in 1957, the town became a municipality of Ceará continuing with this title until 1968 when it was demoted to Parambu-CE District, its deconstitution involves administrative questions and a series of disputes by the political power between the own members of the Feitosa family who Made the population evade to other places, so that today, Cococi has become a space of memory, where desolation and forgetfulness is part of the ruins and the current scenario. Therefore, this work proposes to work with the marks and memory of this city and, above all, to analyze from the Public History the diffusion of the memory of this depopulated city from the photographic productions, the museum, newspapers, magazines and other spaces.

**Keywords:** Cococi-CE, Feitosas, Memory, Public History

## LISTA DE IMAGENS

|   |    |
|---|----|
| <b>IMAGEM 01:</b> Localização geográfica de Cococi (CE) .....   | 16 |
| <b>IMAGEM 02:</b> Entrada do jardim do casarão do Major Feitosa, vista para as fachadas<br>abandonadas e a antiga praça de Cococi. .... | 24 |
| <b>IMAGEM 03:</b> Trajeto dos Feitosas no Brasil. ....  | 28 |
| <b>IMAGEM 04:</b> Rua principal de Cococi (CE).....   | 46 |
| <b>IMAGEM 05:</b> Cococi ao anoitecer.....  | 48 |
| <b>IMAGEM 06:</b> Inauguração do Museu arqueológico e Histórico de Parambu. ....  | 54 |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>14</b> |
| Da síntese da pesquisa .....  | 14        |
| Do diálogo com a historiografia e do enquadramento teórico-metodológico .....                     | 19        |
| Da estrutura do capítulo .....  | 20        |
| <br>  |           |
| <b>CAPÍTULO I - OS FEITOSAS NO BRASIL E NOS INHAMUNS: UMA RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E PODER .....</b> | <b>22</b> |
| 1.1 Lembranças e experiências: algumas questões em torno de uma cidade .....                      | 23        |
| 1.1.1 Os Feitosas: o centro do poder político no sertão dos Inhamuns.....                         | 27        |
| 1.2 Cococi: “sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias” .....                             | 30        |
| 1.3 Com os dias contados .....  | 39        |
| <br>  |           |
| <b>CAPÍTULO II - MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOS VIVERES URBANOS EM COCOCI-CE .....</b>               | <b>42</b> |
| 2.1 Marcas e memórias de uma cidade esquecida.....  | 44        |
| 2.2A história de Cococi e seus públicos .....   | 50        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>58</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>60</b> |

## INTRODUÇÃO

### Da síntese da pesquisa

Paredes rachadas e em desgaste, casas abandonadas, pedaços de um espaço que já foi uma cidade... Hoje a lembrança resiste ao tempo, às ruínas de uma extinta prefeitura que não se tem mais um representante, praça sem crianças brincando, sem barulho... De um cemitério onde os mortos são pouco visitados. Procuramos crianças correndo e brincando nas pequenas ruas, barulho de pessoas conversando, gargalhadas, percebemos um mundo de silêncios e ausências. Em direção a essa cidade, nos locomovendo por mais de duas horas nas longas estradas de chão vermelho e com características acidentadas em poucas condições de passagem chegamos a Cococi, cidade tão jovem, em idade pouco avançada, abandonada precocemente, porém, revestida de memórias e histórias com suas ruas sequer calçadas e largadas, o “Novo Hotel Cococi” em ruínas. Avistamos a igreja, percebemos que se encontra em sua perfeita conservação. Bares ou botecos, locais de conversas como também desentendimentos. Vemos o local do cartório de registro civil e até mesmo o cemitério. Todos os aspectos presentes em qualquer cidade, porém, as peculiaridades é que movem esse estudo. Na praça ainda há os murinhos ou assentos para os jovens, crianças e idosos, que se sentavam para conversar no fim da tarde. Contudo, o andar pelas ruas, o ir à feira aos domingos em Cococi e todas as relações sociais ali presentes tornaram-se um espaço apenas de lembranças.

A história de Cococi remete ao período colonial, sobretudo, por meio do grupo parental Feitosa<sup>3</sup>. Nos sertões dos Inhamuns, os irmãos Francisco e Lourenço Feitosa receberam da Coroa portuguesa mais de vinte sesmarias ao longo do rio Jaguaribe.<sup>4</sup> Terras que seriam utilizadas para a criação de gado e também para a agricultura. Os membros dessa família casaram-se entre si, ou mesmo com outras parentelas.<sup>5</sup> A partir desse momento começou a mistura com outras famílias, a exemplo destas: Araújo, Melo, Martins, Vieira, Mourões, Aragão, entre outros grupos familiares<sup>6</sup>. Nesse contexto, deu início a enorme extensão de terras para a criação de gado nas fazendas e vilas, ao tempo que estabeleceram

---

<sup>3</sup> Segundo Leonardo Feitosa, a família Feitosa chega ao Brasil por meio de João Alves Feitosa, natural da província do Minho em Portugal, onde ali se estabelecia as raízes dessa numerosa família, este, migrou para o Brasil pela primeira metade do século XVII, período que marca a colonização Portuguesa no Ceará.

<sup>4</sup> O rio Jaguaribe percorre um trajeto aproximado de 633 km, desde as suas nascentes na Serra da Joaninha – no Município de Tauá – até a sua foz no Oceano Atlântico. Sua bacia drena uma área correspondente a 48% do Estado do Ceará. Fonte: Disponível em: <http://www.csbhmj.com.br/conheca/> Acesso em 10 de janeiro de 2017.

<sup>5</sup> ARAÚJO, Reginaldo Alves de. *Quando a ordem chegou ao sertão: as relações entre o estado imperial e as elites da região do Acaraú – Ceará (1834 – 1846)* 2012, 293 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. p.80.

<sup>6</sup> ARAUJO, F. Araújo. *Araújos e Feitosas: colonizadores do alto e médio Acaraú*. Fortaleza: Gráfica Ramos, 1995.

força política e poder incontestável na região dos Inhamuns, sobretudo, em Cococi. Estas vilas e cidades e as suas instituições surgiram como apêndices das fazendas de gado e do pátrio poder.<sup>7</sup> Nesse sentido, o sertão e suas cidades conheciam uma forma distinta no que se refere à instituição pública e suas leis, pois a família parental era quem estabelecia a ordem nos sertões, o que era legitimado pela influência e pelo poder socioeconômico.

Nesse contexto, Cococi foi instituído como município cearense em 1957 por meio da criação de gado sob o comando dos Feitosas, marcado pela força política dessa família, proporcionando lutas pelo poder político e a forte religiosidade a Nossa Senhora da Conceição. As lutas pelo poder municipal colocaram essa cidade numa condição de dias contados, ao tempo que houve conflitos dentro do próprio grupo familiar dos Feitosas. Como consequência, Cococi perdeu sua municipalidade e passou a ser distrito de Parambu-CE em 1968. Em decorrência disso, a população que ali residia, foi-se evadindo para outros locais.

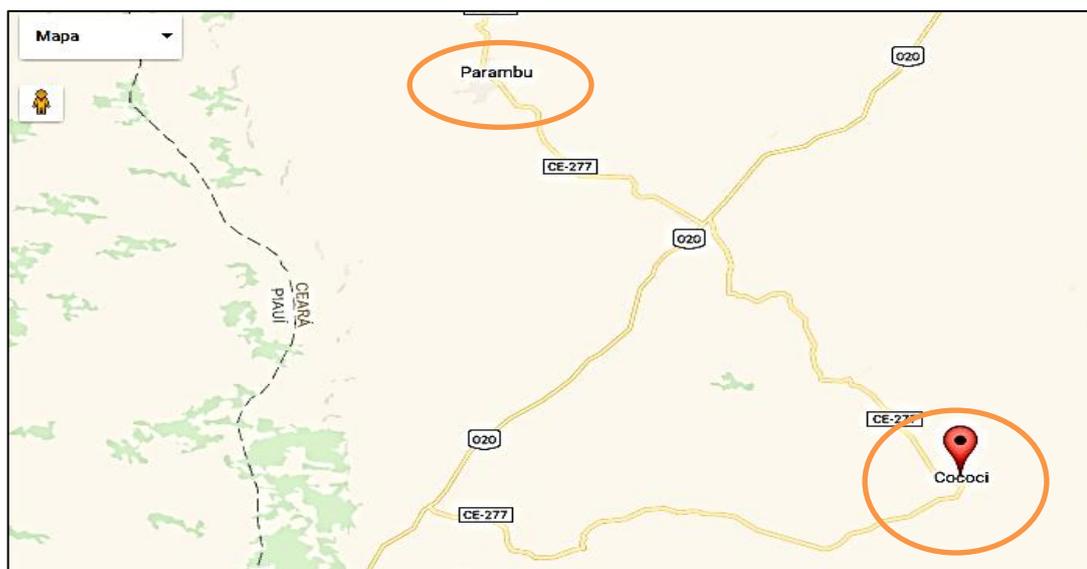
A paisagem mudou, nuvens escuras tomam todas as formas do céu. O prenúncio de alguma chuva traz consigo o risco verde de esperança nos galhos roxos e ressecados é o sinal de felicidade em forma de alimento para bodes, ovelhas e algumas vacas que aqui ficaram, mas traz também a intensidade de recolhimento que hiperboliza o sofrer e a melancolia.<sup>8</sup>

Nesse sentido, se faz necessário entender como os indivíduos percebem essas mudanças, em que “a paisagem mudou, nuvens escuras tomam todas as formas do céu” percebemos na citação acima a representação das mudanças desse espaço antes de sociabilidade, amizades, brigas e desentendimentos, e que passa a ser marcado pela solidão. “O prenúncio de alguma chuva traz consigo o risco verde de esperança nos galhos roxos e ressecado é o sinal de felicidade em forma de alimento para bodes, ovelhas e algumas vacas que aqui ficaram” antes terras cobertas de gado, grandes redutos de cavaleiros, hoje poucas criações, poucas visitas e vidas...

---

<sup>7</sup> ARAÚJO, Raimundo Alves de. Cultura e sociedade nos sertões do Ceará do século XIX. In: FILHO, Antonio V. F., Barros Antonio Iramar Miranda, org(s). **Nas trilhas do sertão**: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará. Sobral, CE: Sertão Cult. 2015, p.82.

<sup>8</sup> Trecho do poema “Cococi” escrito por de Eneida Feitosa e exposto na Exposição Fotográfica Cococi, Dragão do Mar, Fortaleza-CE, 2016.

Imagem 01: Localização geográfica de Cococi-CE<sup>9</sup>

Como percebemos no mapa acima, Cococi, atualmente na categoria de distrito, está localizado na região dos Inhamuns, a 43 km do município de Parambu-CE, sua atual sede municipal e ficando a cerca de 409 quilômetros da capital cearense – Fortaleza-CE. O pequeno trajeto de Cococi foi suficiente para ser palco de grandes disputas pelo poder político municipal. Esses conflitos se davam dentro do próprio grupo familiar dos Feitosas onde a decadência de Cococi marca essas agitações e o uso da violência arbitrária dessa família. Outro aspecto foi o fato dessa formação urbana está localizada em uma propriedade privada, pertencente aos Feitosas, concedida a eles no período da colonização por meio da distribuição das sesmarias. Todavia os desentendimentos dentro da própria família provocaram a tensões dentro do seio familiar, fazendo com que, posteriormente, essa cidade fosse abandonada pela população que residia no local.

Chegar à cidade de Cococi hoje é se deparar logo nos primeiros passos com vários questionamentos. A cada ladeira da longa estrada de terra de barro vermelho que liga a cidade de Parambu à Cococi, nos deparamos com um espaço de esquecimento<sup>10</sup> e abandono. A princípio, percebemos o teor de esquecimento, no momento em que nos deparamos com as primeiras casas abandonadas, muitas com sua forma original quase perdida. Logo avistamos o prédio do antigo hotel, ainda é visível na sua fachada, apesar das intempéries e dos efeitos do tempo, o nome “Novo Hotel Cococi”. Os grandes casarões entregues aos morcegos, como a

<sup>9</sup> Fonte: GOOGLE. Google Mapas. 2017. **Cococi-Ceará**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Cococi,+Parambu+-+CE/@-6.3587137>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

<sup>10</sup> Conceito utilizado pelo autor Michael Pollak, em seu texto Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

enorme residência onde morava o último prefeito Eufrásio Alves Feitosa, mais conhecido como Major Feitosa. Vemos a igreja de Nossa Senhora da Conceição, único monumento em boas condições, com sua arquitetura em bom estado e também a antiga praça quase perdendo sua estrutura. Enfim, espaços de sociabilidades e relações sociais que se tornou um lugar onde se faz presente o abandono. Ao partir, saímos carregados de um sentimento de dúvida e hesitação ao percebermos o quanto esse espaço nos intriga justamente pelo teor de abandono presente nas ruas abandonadas e nas fachadas de cada edificação entregue as ruínas.

O que inicialmente move nossa pesquisa é o desejo de entender o processo de formação de Cococi, ou seja, compreender como essa cidade se constituiu, no sentido de perceber a localidade a partir da chegada das primeiras famílias e através disso entender as atividades econômicas ali predominantes, que por sua vez, contribuíram para o desenvolvimento e organização do município. Para, além disso, entender as relações de poder da Família Feitosa, onde o que se observa é que Cococi também se caracteriza como um espaço de conflitos e de lutas pelo poder local, na qual podemos considerar como uma questão crucial para que acontecesse o despovoamento dessa formação urbana.

Cococi, enquanto centro municipal, tinha Posto Fiscal, Prefeitura, Igreja Matriz, Escola e Hotel, além das dezenas de residências. Hoje, quase abandonada, permanece a sua arquitetura, mas encontra-se em ruínas, considerado como povoado fantasma e museu vivo de épocas memoráveis. A localidade fantasma está localizada em terreno de Eládio Feitosa, herdeiro mais rico do famoso clã dos Inhamuns, que conserva a antiga vila como relíquia. Percebemos a partir do Censo Cultural<sup>11</sup> que Cococi fazia parte de uma propriedade particular e não era permitido pelo governo instituir uma cidade em um terreno privado. A partir disso, Cococi passou por uma série de fiscalizações por parte do estado, o que, portanto, contribuiu para sua decadência.

Aqui ressaltamos também a relevância desse trabalho não somente para a historiografia regional/local, por trazer questões acerca da colonização da região Inhamuns a partir da chegada da parentela dos Feitosas no Ceará, mas por sua importância social, ou seja, por se propor a tornar memorável a história de Cococi a partir de marcas e memórias da cidade. Sobretudo, também se revela a importância dessa pesquisa para o curso de História, por se tratar de um trabalho que propõe afirmar a importância de trabalhar com esses indivíduos que estão fora do discurso público ou marginalizados.

Pensar a história pública como possibilidade de difundir o conhecimento histórico – de maneira responsável e integrada – para amplas audiências; por

---

<sup>11</sup>Cococi. O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. p. 256.

meio de arquivos, centros de memória, museus, televisões, rádios, editoras, jornais, revistas, organizações governamentais e não governamentais, consultoria, entre outros espaços.<sup>12</sup>

Com isso pretendemos nesse trabalho estabelecer um diálogo com a História Pública, a qual ressaltamos adiante. Pretendemos compreender o que o público produz sobre a memória de Cococi, como exemplo, as produções imagéticas e, a partir disso, utilizar a fotografia como fonte histórica, assim como utilizar publicações sobre a cidade nos diversos endereços virtuais (blogs, sites, jornais) e utilizar as produções para além da academia. Desse modo, a partir da utilização da história oral, buscaremos perceber até que ponto os depoentes se envolvem com essa memória ou a entendem. Também ressaltamos questões sobre as produções dos centros de memória, onde, dentro dessa perspectiva, trabalharemos com a problematização da instalação da instituição museológica no município de Parambu<sup>13</sup>, jornais em endereços eletrônicos e demais espaços. No sentido de trabalhar com as diversas possibilidades e experiências históricas, o que enriquecerá esse trabalho.

Com isso a pesquisa de Rodrigo Xavier intitulada “Cococi-Ceará: A cidade esquecida no tempo.”<sup>14</sup> nos proporcionou expandir e pensar este trabalho na perspectiva da História Pública. Com isso, pretende-se neste trabalho não somente trazer a história e memória dos Feitosas, mas também perceber o espaço do sertão como espaço de lutas, sobretudo, da família parental como detentora de influência política, a qual regia suas próprias leis no sertão dos Inhamuns, e para isso, perceber como Cococi foi se constituindo nesse espaço.

Ao mesmo tempo, também almejamos entender a relevância de analisar a história e memórias desse espaço, onde a utilização da história oral nos possibilitará uma relação de proximidade com esses indivíduos para que se compreenda que estes têm sua história, que viveram esses momentos de povoamento e despovoamento da cidade, que interpretaram de forma subjetiva esses processos históricos, e que, portanto, merecem ser ouvidos e historicizadas. Ao tempo em que Cococi foi palco de grandes eventos históricos e sociabilidades, até chegar à condição de distrito de Parambu e perder sua municipalidade, momento no qual as famílias passaram a abandonar a região. No entanto, o foco central desse trabalho não é discutir os motivos pelo qual Cococi foi destituído, mas de perceber como esse

<sup>12</sup> ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”*. XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, p.1.

<sup>13</sup> Para Segundo Manuelina Duarte, o Museu da Cidade de Parambu orienta sua missão para a preservação e proteção da experiência histórica, da cultura e da identidade locais, contribuindo tanto para a salvaguarda patrimonial quanto para a extroversão do conhecimento produzido sobre a cidade e sobre a ocupação deste território. Ver no PROJETO MUSEU DA CIDADE DE PARAMBU: IMPLANTAÇÃO DE UM PROCESSO, p.3.

<sup>14</sup> LEITE, R X DA CRUZ. **Cococi-Ceará: A cidade esquecida no tempo. Quem conta a história?** Trabalho de Conclusão de Curso, 2011.

espaço foi ressignificado, de um espaço de sociabilidades e relações sociais para um local de lembranças, ou por muitos, colocada como “cidade fantasma”, e, sobretudo, fazer uma análise sobre a história memória de Cococi.

### **Do diálogo com a historiografia e do enquadramento teórico-metodológico**

Cococi, apesar de ser hoje um lugar de esquecimento, como analisa Michel Polak,<sup>15</sup> onde impera muitas vezes o silêncio quanto se refere ao despovoamento, ainda existem aqueles que buscam a preservação da memória, dos valores históricos, seja por sua forte religiosidade, presente desde a formação da vila, de forma que nos proporciona vários questionamentos e um olhar reflexivo para aquilo que por muitas vezes nos passava despercebido ou que chegamos por vezes reforçar a não manutenção desse espaço e o seu esquecimento.

Os historiadores ingleses cultivaram a prática de uma história voltada para a inter-relação entre memória e narrativa, valorizando a construção de identidades coletivas. Nesse sentido, a história ganhou o seu *locus* “público” para além da divulgação de um conhecimento organizado e sistematizado pela ciência, por meio da organização e mediação de conhecimentos locais<sup>16</sup>.

Durante a elaboração dessa pesquisa, como já mencionado antes, optamos por traçar um diálogo com a História Pública, onde essa discussão esteve mais presente no capítulo posterior, discutiremos a articulação do público para com a memória de Cococi, utilizando o recurso da História Oral para daí percebermos como esses indivíduos se envolvem e até que ponto entendem essa memória, também fazendo uma análise sobre as matérias jornalísticas publicadas em periódicos que trazem história sobre a memória de Cococi e dos Feitosas nos Inhamuns, utilizei os seguintes: Fortaleza em Fatos<sup>17</sup>, Blog do Abraão Barros<sup>18</sup>, Blog Vos<sup>19</sup> e Diário do Nordeste<sup>20</sup>.

Examinamos também as fontes imagéticas de fotografos locais que retrataram por meio de suas lentes o atual estado de Cococi, assim como trabalharemos a partir do Museu de

<sup>15</sup> Conceito utilizado pelo autor Michael Pollak, em seu texto Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

<sup>16</sup> ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”*. XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, p.1.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2016/05/cococi-cidade-fantasma-do-sertao-do.html> Acesso em 20 de janeiro de 2017.

<sup>18</sup> Disponível em: <http://abraaobarrosparambuçeara.blogspot.com.br/2015/02/historias-de-cococi-ganham-novamente-as.html> Acesso em 05 de janeiro de 2017.

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.somosvos.com.br/cococi-habitada-por-pouco-conhecida-por-muitos/> Acesso em 15 de janeiro de 2017.

<sup>20</sup> Disponível em <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/passado-em-ruinas-1.1217417> Acesso em 20 de janeiro de 2017.

Parambu<sup>21</sup>, que é o espaço responsável por guardar essa história, a fim de estabelecermos uma relação entre a história e a musicologia. Tudo isso, com um intuito de articular o nosso objeto com o que o público produz sobre a memória dessa cidade despovoada.

Para isso, também utilizamos autores que compõem a bibliografia local, estes utilizamos como fonte histórica para entendermos e discutirmos a formação da vila de Cococi, a partir da chegada dos Feitosas no Ceará, principalmente obras de viajantes que decidiram vir à região dos Inhamuns para pesquisar se inserir em comunidades no Nordeste do Brasil, a exemplo do historiador Billy Jaynes Chandler, que narra sua trajetória nos Inhamuns, como também sua passagem em Cococi. Depositamos créditos também a outros autores como Araújo F. Araújo, Leonardo Feitosa, Henry Koster, Reginaldo Alves de Araujo e Raimundo Alves de Araujo.

Utilizamos para esta pesquisa, e logo depositamos um imenso crédito aos autores Yara Khoury, Alessandro Portelli, Pierre Nora, Michel Polak e Boris Kossoy, que nos deram suporte no que se referem à utilização da História Oral, estes nos ofereceram um forte subsídio no sentido de perceber as vivências e memórias que envolvem a esquecida Cococi, e para procurar responder indagações tais como: que espaço é esse? Quem são esses sujeitos e de forma interpretaram esses momentos históricos? De modo que esses autores nos possibilitaram meios para levantar uma análise crítica sobre o despovoamento de Cococi, ou, por meio de suas subjetividades, ressaltarem suas vivências num espaço que antes habitável, mas que agora, se encontra em ruínas?

### **Da estrutura dos capítulos**

Aqui ressaltamos os caminhos teórico-metodológicos e as fontes que foram utilizados para chegarmos aos resultados e questões aqui colocadas. O primeiro tipo de fonte que pôde ser utilizado na investigação aqui proposta e posteriormente a escrita desse primeiro momento do nosso trabalho são fontes bibliográficas, onde a partir desse acervo realizamos uma análise de como essa família se organizava e se articulava para estabelecer poder em Cococi.

. “Os discursos orais, os relatos contêm uma alta expressividade subjetiva e pessoal sendo manifestações de estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas” (PORTELLI, 1996, p.4). A fonte oral, também muito importante para esse trabalho, será utilizada nesse primeiro momento do trabalho, mas de forma mais efetiva a partir do segundo capítulo, onde

---

<sup>21</sup> Segundo Manuelina Duarte, o museu de Parambu foi criado a partir de estímulo (Edital + Museus 2007/ 2008) do Departamento de Museus e Centros Culturais (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Ministério da Cultura), que estimulou iniciativas de pequenos municípios criarem seu primeiro museu.

faremos uma análise dos relatos orais do público em relação à memória de Cococi, ou seja, perceber a partir dos relatos orais de que forma os indivíduos se apropriam da memória de Cococi, e lutam pela sua manutenção/preservação.

No primeiro capítulo será apresentado a partir de uma discussão bibliográfica, o contexto no qual a parentela dos Feitosa introduziu no Brasil e posteriormente na região dos Inhamuns, na medida em que estes conseguiam prestígio e consistência política no Ceará, e que por meio da distribuição de sesmarias dominaram não somente a região de Cococi, mas estabeleceram poder administrativo em boa parte do Ceará. Também é de nosso interesse discutir a perda desse poder, ou pelo menos sua gradativa decadência, na medida em que a máquina do Estado se fortificava e centraliza na capital cearense, com isso essa família de elite foi perdendo força e foram se fixando nas vilas e fazendas. Para isso, partimos da leitura de autores de produções historiográficas locais, que tratam da chegada dos Feitosas no Ceará, como Billy Jaynes Chandler, F. Araújo, Leonardo Feitosa, que nos servirão de norte para abordar essas questões acima postas.

Para, além disso, no segundo capítulo desse trabalho fizemos uso da problematização de fontes imagéticas, a partir do que nos diz Boris Kossoy, “a imagem fotográfica enquanto documento para a História” (2001) utilizamos imagens do estado de ruínas permeado pelo abandono histórico de Cococi, as fotografias de Sócrates Oliveira (2014/2015), Rubens Venâncio e Fernando Jorge (2016), serão utilizadas pra mostrar o cenário de visível desolação, ao mesmo tempo em que tráz toda construção dos mitos que envolvem esse espaço a partir das fachadas dos grandes casarões. Essas fontes mostram esse espaço tal qual se percebe hoje, essas fotografias mostram todo teor de solidão e esquecimento destinado a esse lugar. Também a partir dos depoimentos orais problematizamos as marcas e memória dessa cidade e, sobretudo, fizemos o uso da História Pública para percepção difusão da memória de Cococi, a partir dos diversos espaços, seja o museu, jornais, revistas e outros. Contudo, fizemos uma análise do contexto em que se encontra a tão conhecida e pouco vivenciada Cococi, que embora definido como um lugar esquecido ou denominado “cidade fantasma”, há quem resista ao abandono histórico presente nas ruas de Cococi e insistem em preservar esse espaço. É no interior dessas problemáticas que construímos nosso trabalho.

## CAPITULO I

### OS FEITOSAS NOS INHAMUNS: UMA RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E PODER

Volto ao primor dos meus anos e relembro as guerras que por mim foram travadas, o desejo de me possuir praticamente dizimou silvícolas; mais tarde fui disputada por fazendeiros que fizeram desses torrões berço de sua vida e amparo familiar. Que sonhos e sentimentos trouxeram tais senhores a me cortejar? Amaram-me? Foram felizes? As querelas – se me trouxeram progresso, sucesso e glória - avolumaram em seus alicerces intrigas, segregação e queda. Por que, minha filha, teimo nessa luta inglória?<sup>22</sup>

Com o fragmento do poema acima, iniciamos esse capítulo, porque ele retrata muito bem o que pretendemos desenvolver nesse primeiro momento da pesquisa. “Relembro as guerras que por mim foram travadas, o desejo de me possuir praticamente dizimou silvícolas” nesse trecho a autora procura enfatizar o clamor da cidade de Cococi, mostrando e discorrendo sobre as lutas violentas por ela travadas, ponderando acerca da enorme ganância desmedida de seus colonizadores em explorá-la a todo custo, “mais tarde fui disputada por fazendeiros que fizeram desses torrões berço de sua vida e amparo familiar” o que denota muitas vezes que essas lutas se davam dentro do seio familiar. “Que sonhos e sentimentos trouxeram tais senhores a me cortejar? Amaram-me? Foram felizes? As querelas – se me trouxeram progresso, sucesso e glória - avolumaram em seus alicerces intrigas, segregação e queda” e por fim, deixa-se um questionamento, todas essas lutas, sangue, desvios, trouxeram prosperidade e sucesso para essa cidade? Ou sua ruína?

A cidade de Cococi passou em sua história uma série de eventos históricos que trouxeram consequências drásticas para essa formação urbana e essas implicações deixaram fortes marcas para sua história, como seu próprio despovoamento. No período colonial a família Feitosa veio para o Brasil e posteriormente se instalou na região dos Inhamuns. Por meio de João Alves Feitosa, deu início a um enorme grupo familiar e ao tempo que este conseguiu prestígio e consistência política no Ceará por meio da distribuição de sesmarias, exerceu poder administrativo não somente na região de Cococi, mas estabeleceram poder em boa parte do Ceará e outros estados. O fato é que esse grupo parental teve uma gradativa perda de poder, na medida em que a máquina do Estado se fortificava e se centralizava na capital cearense. Com isso essa família de elite foi perdendo força e foram se fixando nas vilas e fazendas nos interiores do Ceará e buscando se legitimar no poder em nível municipal.

---

<sup>22</sup> Fragmento do poema “Cococi” escrito por de Eneida Feitosa e exposto na Exposição Fotográfica Cococi, Dragão do Mar, Fortaleza-CE, 2016.

A partir de então, Cococi foi se constituindo, abrigo da família Feitosa, e posteriormente se constituindo enquanto idade do Estado do Ceará.

Para traçarmos uma narrativa sobre esse processo de formação de Cococi, partimos da leitura de autores de produções historiográficas que tratam da chegada dos Feitosas no Brasil e no Ceará, e desde já depositamos crédito à Billy Jaynes Chandler, F. Araújo Farias, Leonardo Feitosa, Henry Koster, Raimundo Alves de Araujo e Reginaldo Alves de Araujo, que nos servirão de norte para abordar essas questões acima postas. Desse modo, antes mesmo de tratar de questões acerca do despovoamento de Cococi, se faz necessário entender a sua formação, e para isso recorreremos até o Ceará Colonial para perceber como Cococi foi se constituindo como cidade e, posteriormente, por vários motivos foi levada no fim da década de 1960 ao despovoamento. Desse modo, Cococi, nosso objeto de estudo, será entendido com um lugar de memória<sup>23</sup>

Esse momento inicial desse trabalho foi sem dúvidas um momento de enorme contribuição para toda essa pesquisa e de profundo enriquecimento por nos proporcionar um diálogo com esses autores estudados e por estes trazerem questões tão peculiares referentes ao processo de colonização do Inhamuns, a memória dos Feitosas<sup>24</sup> no Ceará e o processo de lutas pelo poder e, posteriormente, a constituição de Cococi, espaço que representa, sobretudo, tudo que foi estudado e desenvolvido nesse primeiro capítulo. Porém, o intuito de *historicizar* sobre os Feitosas nos Inhamuns nesse primeiro momento e traçar essa narrativa se fez necessário por exatamente percebermos como Cococi foi se constituindo.

### **1.1 Lembranças e experiências: algumas questões em torno de uma cidade**

Ao nos propormos a fazer uma análise do povoamento e despovoamento de Cococi, é indispensável fazer um estudo sobre os Feitosas, sua chegada ao Brasil e na região dos Inhamuns, com a finalidade de historicizar e trazer questões que se referem ao povoamento e formação da vila de Cococi e, por último, a emancipação política de Cococi. Porém, é preciso também perceber com esse espaço foi marcado pela economia de gado, pelo desenvolvimento da agricultura e pelo poderio incontestável desse grupo parental na medida em que Cococi foi também lugar de sociabilidades e relações sociais, em função dos atores sociais que ali

---

<sup>23</sup> Conceito utilizado por Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares IN.:Revista do Projeto História, Nº. 10 São Paulo-PUC-SP. Dez. 93.

<sup>24</sup> Trouxemos essa contextualização sobre os Feitosas para trazer essa trajetória entendermos o processo de constituição da vila de Cococi, distrito e posteriormente cidade, e, sobretudo, por trazer elementos que contribuíram para a construção da memória do Feitosas em Cococi, marcada, sobretudo, por relações familiares e de poder. Por esse motivo, decidimos então propor essa discussão.

viviam. Dessa forma, é dentro dessas questões que construiremos a primeira parte desse capítulo.



Imagem 02: Entrada do jardim do Casarão abandonado do Major Feitosa e vista para as fachadas abandonadas, e a Praça de Cococi-CE.<sup>25</sup>

Como percebemos na Imagem 02, retrato fiel do estado físico que se encontra a despovoada cidade de Cococi, vemos nas fachadas antigas, sobretudo, todo esse cenário de abandono. Percebemos nas fachadas e na antiga Praça de Cococi, entre esses antigos prédios o antigo hotel, o bar, enfim, percebemos a partir da fotografia acima, o que Pesavento (2007) chama de *marcas*, ou seja, marcas que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. Com isso, a fotográfica terá um papel importante nesse trabalho, por exatamente trazer essas marcas deixadas durante os vários momentos históricos que envolveram Cococi.

Dentro dessa perspectiva, para Boris Kossoy a fotografia é o registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos: documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência. É assunto ilusoriamente retirado de seu contexto espacial e temporal, codificado em forma de imagem<sup>26</sup>. Isto é, trabalhar com as fontes fotográficas é ser dirigido pela memória, ao tempo que se colocamos numa condição de analisar essas construções imagéticas. Desse modo, Boris Kossoy entende as fotografias como memória, pois na medida em que reflete sobre as imagens se percebe um conjunto de possibilidades de análises e investigação.

<sup>25</sup> Fonte: Arquivo particular de Sócrates Oliveira (2015)

<sup>26</sup> KOSSOY, BORIS. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2007, p.3.

Para tanto, Sandra Jatahy Pesavento, entende a cidade como também um espaço de sociabilidades:

Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais.<sup>27</sup>

Desse modo, Cococi, que se localiza na região dos Inhamuns, hoje distrito de Parambu-Ceará, é entendido como palco de lutas e marco na colonização da região dos Inhamuns, se tornou um espaço de memória onde as ruínas dos casarões antigos fazem parte do atual cenário dessa ‘cidade fantasma’. Utilizar esse referencial teórico citado acima é exatamente para que se entenda que Cococi não foi tão somente palco de eventos históricos, mas também espaço de sociabilidades e relações sociais.

Mesmo as ‘cidades fantasmas’ — aquelas de onde a população retirou-se pelos efeitos da guerra, dos movimentos da história ou de catástrofes naturais — são reconhecíveis para nós como ‘cidades’ porque guardam as marcas, as pegadas, a alma — talvez possamos dizer — daqueles que um dia as habitaram.<sup>28</sup>

Ainda sobre o que nos diz a citação acima, a cidade também é sensibilidade como aponta Pesavento, pois por mais que Cococi-CE seja presentemente considerada “cidade fantasma” e marcada pelo *esquecimento*, nossa proposta nesse trabalho é exatamente analisar a história e memórias dessa despovoada formação urbana, na medida em que essa população retirou-se para outros locais, ou seja, nosso objetivo é de perceber as marcas deixadas naquele espaço, que já foi de sociabilidades e sensibilidades, e não somente de devoção, como iremos tratar no decorrer dessa narrativa.

Nos domingos, era movimentado, era o dia da feira. Eu nem lembro de muita coisa, era criança, não prestava muita atenção nas coisas, mas tinha muita coisa boa aqui. Vinha às pessoas vender roupa de fora, eu não sei de

<sup>27</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In.: Revista Brasileira de História. Vol.27, n.53, pp. 11-23, 2007. p. 14.

<sup>28</sup> (PESAVENTO, 2007, p. 14)

onde era que as pessoas vinham. Vinha os rapaz do Crato vender fruta aqui, um rapaz por o nome de Zacarias, vinha vender aqui na época.<sup>29</sup>

Vemos a partir do depoimento acima, o que Yara Khoury ressalta sobre o uso da história oral como “um meio de aproximação de modos específicos como as pessoas vivem e interpretam os processos sociais, de como estas especificidades influenciam a dinâmica histórica” (KHOURY, 2014), ou seja, conhecer essas vivências e sociabilidades desses indivíduos é importante para que se compreenda todo dinamismo existente em Cococi, a partir de uma leitura do estado que se encontra hoje a remota cidade. Ou seja, a depoente narra de forma subjetiva suas experiências e traz suas memórias de uma infância em meio ao viver urbano. Como vemos no depoimento, o ir à feira aos domingos, em contra partida a uma realidade atual em meios a ruínas e abandono, porém, dentro da perspectiva de Pesavento (2007), estes espaços, as tais ‘cidades fantasmas’ também são consideradas ainda cidades, por trazer exatamente essas memórias ou as marcas daqueles que já habitaram. Percebemos ainda que o depoimento denota as marcas da ação social de transformação desse espaço, ou seja, a depoente relava suas lembranças daquilo que não existe mais.

Sobre o abandono de Cococi o entrevistado ressalta:

Eu me lembro! Lá tinha pracinha que funcionava, ali aquelas casas todinhas morava gente, lá tinha padaria, tinha tudo! Farmácia, eu só tinha uns 11 anos, mas, eu me lembro. Ali se tivesse ficado cidade, eu tinha certeza como seria uma das cidades melhores do Ceará, porque é um lugar plano, bonito demais ali não é não?<sup>30</sup>

Compreendemos a partir do relato acima, o que diz Sandra Jatahy Pesavento a respeito das marcas, pegadas, ou seja, mesmo com o fato da população ter se deslocado para outros locais, Cococi ainda passa a ser reconhecida como cidade, pois ali estão as histórias e memórias daqueles que um dia vivenciaram e usufruíram das sociabilidades, do passear na praça, dos festejos religiosos. E que, apesar dos efeitos ou circunstâncias que levaram a decadência de Cococi, que serão discutidos no decorrer dessa escrita, é importante perceber as histórias que são contadas de forma oral e perceber as várias formas de expressar essas memórias.

---

<sup>29</sup> Depoimento de Maria Clenilda Lô concedido a José Bandeira, publicado em 05/03/2014 e devidamente transcrito por George Ferreira da Costa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dp8TN3m84qA>. Acesso em 15/01/2017

<sup>30</sup> Depoimento de Francisco Alves Ferreira, concedido a George Ferreira da Costa em 22/01/2017.

### 1.1.1 Os Feitosas: o centro do poder político no sertão dos Inhamuns

Os Feitosas chegaram ao Brasil por meio de João Alves Feitosa, natural da província do Minho em Portugal, onde ali se estabelecia de fato as raízes dessa numerosa família. Este migrou para o Brasil pela primeira metade do século XVII. Ao chegar, se casa com a filha do coronel Manoel Martins Chaves, em Alagoas, que fazia parte da capitania de Pernambuco<sup>31</sup>. É nesse momento que começa a mistura com outras famílias, que por mais que haja esses vínculos com outros grupos familiares, como aponta F. Araújo Farias, os Feitosas que os Feitosas estabeleceram relações com outras famílias como os Araújo, os Melo, os Martins, os Vieira, os Mourões, os Aragão e outros grupos familiares<sup>32</sup>. Desse modo, o que se percebe é que não há como negar o sangue dos Feitosas que correm nas veias, onde de forma incontestável apesar das misturas com outras famílias, estes são considerados como legítimos e em alguns casos até mesmo aqueles que não têm ligações de sangue e afirmando sua legitimidade.

Para Aécio Feitosa este entrelaçado paternal unindo os Feitosas e Araújo foi intensificado através de sucessivos casamentos a partir do século XIII. Para se chegar a essa conclusão, ele parte de documentos e livros de batismo e casamento das freguesias de São Mateus (atualmente, a cidade de Jucás-CE) e Arneirós.

Após deixarem o Pernambuco os irmãos Feitosas rumaram para o Ceará, mais precisamente para região de Jaguaribana (Icó), onde passam a ser sesmeiros a partir de 1710, como veremos alhures. Nessa região tem início o longo patrimônio sesmarial da Família Feitosa no Ceará, estendendo-se logo depois para a região do Inhamuns e do Acaraú.<sup>33</sup>

Como aponta Aécio Feitosa (2001) em seu estudo sobre as sesmarias dos Feitosas nos Inhamuns, apesar de focar seus estudos na distribuição de sesmarias conferidas aos Feitosas no Ceará, ele afirma que estes já tinham sido sesmeiros na região do Pernambuco, onde obtiveram 40 léguas de terras no Riacho Araripecico, e mais de 30 léguas no Rio São Francisco, o autor obtém essas informações a partir de pesquisa de informações contida na Documentação Histórica Pernambucana.<sup>34</sup>

<sup>31</sup> FEITOSA, Leonardo. Tratado genealógico da família Feitosa. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1985, p.99-324.

<sup>32</sup> ARAUJO, F. Araújo. Araújo e Feitosas: colonizadores do alto e médio Acaraú. Fortaleza: Gráfica Ramos, 1995.

<sup>33</sup> FEITOSA, Aécio. Sesmaria dos Feitosas no Ceará. Revista do Instituto do Ceará. 2001. p.185.

<sup>34</sup> Aécio Feitosa obtém esses dados a partir da documentação extraída do “Vol. IV, Sesmarias, página 96 e 103 – 104 extractadas do Livro 2º do registro das Sesmarias”. Revista do Instituto do Ceará, 2001.p 185.

Imagem 03: Trajeto dos Feitosas no Brasil<sup>35</sup>

Nesse sentido, com base no que foi citado acima e na imagem 03, percebemos que os Feitosas são um grupo parental que não se prendiam ao espaço de município ou vilas, eles desbravavam em um território de fronteiras. Desse modo, eles não se fixavam muito no espaço, na medida em que a coroa queria utilizar essas terras para a criação de gado e cavaleiros. Percebemos no mapa que inicialmente os Feitosas se fixaram na região de Pernambuco e posteriormente, tendo em vista as boas condições para criação de gado, rumaram para os Inhamuns. A ribeira do Jaguaribe foi o caminho de entrada por onde os conquistadores vindos das capitânicas do Rio Grande e de Pernambuco avançaram na conquista das terras do Siará grande, abrindo novas fronteiras<sup>36</sup> utilizando como justificativa o fato de que essas terras não estariam tendo o aproveitamento lucrativo.

De forma efetiva o processo de conquista e colonização efetiva do Ceará iniciou-se por volta da década de 1680 a partir da chamada “limpeza da terra”, que consistia na expulsão ou extermínio das populações nativas para a instalação de currais e fazendas de gado, seguida da doação de terras através do sistema de concessão de sesmarias. Através dos caminhos do gado, a colonização dos sertões cearenses seguiu a ribeira dos rios dando origem a um povoamento esparso, marcado pelo desenvolvimento da atividade pastoril.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> Fonte: MACÊDO, H. F. Estórias & História: Família Feitosa- Origem (2012) Arquivo da Família Feitosa.

<sup>36</sup> SILVA, Rafael Ricarte. O Sertão como espaço a ser conquistado: Doação de sesmarias e formação de uma elite conquistadora na Capitania do Siará (1679-1750). XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH. Natal, 2013, p.3.

<sup>37</sup> GOMES, José Eudes Arrais Barroso. Senhores de Terras e de Gentes: Os Poderosos Senhores das Armas na Capitania do Ceará (Século XVIII). In.: Revista Tempos Históricos. São Paulo, ano 10, n. 1. p. 295-322, 2007. p.298.

A sesmaria foi utilizada em Portugal desde o século XIV como meio de doar terras abandonadas ou não cultivadas a pessoas que pudessem fazer uso delas. As sesmarias eram distribuídas pelo chefe militar e oficial administrador da capitania – o governador ou o capitão-mor, de acordo com o caso. A dimensão da propriedade era geralmente de uma légua de largura por três de comprimento, embora muito mais do que isso às vezes fosse doado em uma sesmaria. De maior importância era o fato de que não havia limite fixado para o número de sesmarias que uma pessoa pudesse receber. Um aspecto básico à locação da área doada é que tivesse sua frente limitada a um rio ou um riacho ou que lá existisse uma fonte, fator de importância numa terra com escassez d'água.<sup>38</sup> Ou seja, o fato é que era preferível terras próximas à água para a criação de animais. Nesse caso, optam pelo Inhamuns, próximos ao rio Jucás e com clima propício às atividades agrícolas e, sobretudo, a criação de grandes rebanhos.

Como podemos notar as concessões das sesmarias apropriadas pelos Feitosas no Ceará tinha um caráter voltado para a criação de gado e agricultura, isso explica a preferência de terras próximas de rios e riachos. Desse modo, segundo Aécio Feitosa (2001) este grupo familiar já vinha de outros locais, como Pernambuco e que depois de se apropriarem de algumas léguas de terras foram para o Ceará, mas precisamente na região que hoje corresponde à região Icó, e depois foram para a região dos Inhamuns e Acaraú.

A primeira sesmaria nos Inhamuns foi doada em 1707 e a última em 1821, dois anos antes desse sistema de doação de terras deixar de ser usado. A primeira sesmaria, em 26 de janeiro de 1707, foi doada a Lourenço Alves Feitosa, seu irmão Francisco e quatro outras pessoas, cada um recebendo três léguas ao longo do rio Jucá. Segundo era comum, a solicitação chamava a atenção para o fato de que as terras eram virgens e, como tal, não estavam produzindo rendas para os cofres da Corte.<sup>39</sup>

Nesse contexto, o que se percebe é que essa família não se limitava as fronteiras, entretanto, dentro dessa região dos Inhamuns desenvolveram a pecuária em grande escala e a criação de animais, sobretudo, por meio da distribuição de sesmarias que consistia na utilização de terras que “não estavam sendo utilizadas”, ou como aponta Gomes (2007) preferiam instalar seus grandes rebanhos de gado e assim exterminar e expulsão da população nativa. Tendo em vista que para a coroa as terras pertencentes aos nativos não se tinha um aproveitamento lucrativo, como aponta Rafael Ricarte da Silva:

<sup>38</sup> CHANDLER, Billy Jaynes. Os Feitosas e o Sertão dos Inhamuns: a história de uma família e uma comunidade no Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p.21.

<sup>39</sup> CHANDLER, Billy Jaynes. 1980. p.21.

Para a coroa, as terras que pertenciam aos indígenas eram devolutas, desaproveitadas e passíveis de concessão. Nos pedidos de várias sesmarias na capitania do Siará grande, os solicitantes ressaltaram a justificativa, acrescentando que, se doadas às terras, passariam a gerar lucros mediante o pagamento dos dízimos reais.<sup>40</sup>

Contudo, como já mencionado, durante metade do século XVIII várias sesmarias foram doadas nos Inhamuns de forma que a sociedade em formação daquela região foi organizada de modo a valorizar a criação de gado destinado ao poderio dos Feitosas, família esta que se estabeleceu como dominante incontestável daquela região até a década de 1930.

<sup>41</sup>No entanto, por mais que o sistema de sesmarias fosse o modelo estabelecido para repartição de terras, famílias como os Feitosas, como se tratava de um grande grupo parental tinha conseguido uma grande numero terras e por meio da divisão de heranças, exemplo maior, as terras que correspondem e se localiza Cococi, que atualmente pertence à Eládio Feitosa, herdeiro mais rico do famoso clã dos Inhamuns que conserva a antiga vila como relíquia<sup>42</sup>.

Para José Eudes Arrais Barroso Gomes em estudo intitulado os *Senhores de terras e de gentes: Os poderosos senhores das armas na Capitania do Ceará (Século XVIII)* a partir da posse de grandes extensões de terra e dos principais rebanhos, grupos familiares de sesmeiros acabavam dominando os principais cargos de governança coloniais, sobretudo militares e camaristas. Desse modo, a formação de vilas e fazendas está ligada a questão da distribuição dessas terras e da criação do gado, ou seja, como a colonização cearense seguiu as regiões ribeirinhas para a o desenvolvimento da pecuária, como consequência disso, formando as vilas e povoamentos marcados pelo desenvolvimento da atividade pastoril.

## **1.2 Cococi: “sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias”<sup>43</sup>**

Ao tempo em que essa família buscava força na região dos Inhamuns, travava lutas constantes com outros grupos parentais em busca do poder político. Para isso, essa família utilizava das linhas genealógicas para estabelecer poder local. É importante perceber a perda do poder exercido pelos Feitosa, ou pelo menos sua gradativa decadência, na medida em que a máquina do Estado se fortificava, e a partir disso a ideia de municipalizar Cococi se tornava

<sup>40</sup> SILVA, Rafael Ricarte. O Sertão como espaço a ser conquistado: Doação de sesmarias e formação de uma elite conquistadora na Capitania do Siará (1679-1750). XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH. Natal, 2013, p.2.

<sup>41</sup> COUTO, Melo Gustavo. Sertão dos Inhamuns: violência e relações de poder no interior da capitania do Ceará. II Encontros Coloniais, Natal, de 29 a 30 de maio de 2014.

<sup>42</sup> Cococi. O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 256.

<sup>43</sup> Trecho da obra de ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 19.

mais evidente, já que estes já perdiam força política e administrativa. Dessa forma, optaram por exercer força política a nível municipal.

Desse modo, Southey, um dos primeiros viajantes a voltar seus estudos para esse grupo familiar, escreveu: “Recebeu o governador do Ceará, João Carlos, instruções secretas de Lisboa para prender este homem. Sendo sumamente arriscada a deligência, recorreu o governador a um stratagem que muito devia custar ao seu caráter honrado.”<sup>44</sup>

O que representa, essa narrativa de Southey, e de forma semelhante ao que escreveu Henry Koster<sup>45</sup> percebemos reclamações vindas da coroa sobre o Coronel Manoel Martins Chaves<sup>46</sup> e ao mesmo tempo ordens secretas para o governador João Carlos para prendê-lo. O que se percebe é que o Manoel Martins Chaves utilizava da autoridade que era lhe conferido pela sua riqueza, sendo ele “homem de enorme e indisputada influência, que lhe advinha dos cargos de que estava investido e da riqueza que possuía”.<sup>47</sup>

Henry Koster também narra, a partir de suas viagens:

A família dos Feitozas ainda existe no interior desta Capitania e na do Piauí, possuindo vastas propriedades, **cobertas de imensos rebanhos de gado**. No tempo de João Carlos [Augusto de Oeynhausen Gravenburg, capitão-mor governador do Ceará de 1803 a 1807], o chefe dessa família chegara a tal poder que supunha estar inteiramente fora do alcance de qualquer castigo, **recusando obediência às leis, tanto civis como criminais**, fossem quais fossem. Vingavam pessoalmente as ofensas. Os indivíduos condenados eram assassinados publicamente nas aldeias do interior. O pobre homem que recusasse obediência às suas ordens estava destinado ao sacrifício e os ricos, que não pertencessem ao seu partido, eram obrigados a tolerar em silêncio os fatos que desaprovavam. Os Feitozas são descendentes de europeus, mas, muitos dos ramos têm sangue mestiço e possivelmente raros são os que não teriam a coloração dos primitivos habitantes do Brasil. O chefe da família era Coronel de Milícias, e podia, ao primeiro chamado, pôr em armas cem homens, o que equivale a dez ou vinte vezes esse número numa região perfeitamente despovoada.<sup>48</sup>

<sup>44</sup> STURDAR, Barão de. João Carlos Augusto Oeynhausen e Manoel Martins Chaves. Instituto do Ceará, 1909, p.5.

<sup>45</sup> Henry Koster é um viajante inglês que relata suas experiências e descreve questões sobre a econômica, escravidão, família, relações étnicas, religião (entre outros temas) do Estado do Nordeste no início do século XIX.

<sup>46</sup> Manoel Martins Chaves, bem como o irmão João Ferreira Chaves, era natural da Capitania, mas não era propriamente um Feitosa. Por algum tempo supul-osBahianos. Filho de José de Araújo Chaves e de D<sup>a</sup>Lusia de Mattos e Vasconcellos, casou com a sobrinha D<sup>a</sup>Ursula Gonçalves Viera, filha, e teve uma única filha D<sup>a</sup> Anna Gonçalves, mais conhecida por Anna do Cococy. Revista do Instituto do Ceará, 1909. p.6

<sup>47</sup> STURDART, Barão de. João Carlos Augusto Oeynhausen e Manoel Martins Chaves. Instituto do Ceará, 1909, p.6.

<sup>48</sup> KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. In: GOMES, José Eudes Arrais Barroso. Senhores de Terras e de Gentes: Os Poderosos Senhores das Armas na Capitania do Ceará (Século XVIII). In.: Revista Tempos Históricos ano 10, n. 1. p. 295-322 set. 2007. p.303.(o grifo é nosso)

Os Feitosas dos Inhamuns utilizaram as linhas genealógicas para estruturar o poder na região em que podiam fazer parte, e reconhecidos como membros dessa família todos aqueles que fossem reconhecidos e agregados, ou seja, incluía tanto aqueles que eram frutos de casamentos com outros grupos familiares, como também aqueles que viviam de forma agregada aos Feitosas. Assim, esse grupo parental ia além dos laços sanguíneos, pois também eram incluídos todos aqueles que vivem aos arredores do círculo familiar dos Feitosas. Sobre o que afirma Henry Koster, ele descreve de forma espantosa os grandes rebanhos e propriedades na propriedade dos Feitosas, e para, além disso, esse poder se negava a dialogar, ou obedecer as leis civis e criminais. Nesse sentido, as formas de leis eram instituídas por essa família de elite.

Ainda no século XVIII, tiveram a famosa guerra incluindo os Montes e os Feitosas:

A história dessa briga é um comentário sobre a autoridade da coroa numa área longínqua do Império, e apresenta um ponto de vista sobre a vida nas fronteiras brasileiras da época. Embora várias famílias de destaque tenham participado nos acontecimentos, os principais antagonistas eram os Feitosas dos Inhamuns e os Montes da zona do Icó. Sua luta sangrenta é lembrada como um caso clássico entre rixas entre família num país onde tais contos se tornaram comuns<sup>49</sup>.

As explicações sobre essa ‘rixa’ entre essas famílias são várias, desde a mais antiga história, publicada em 1867, onde faz menção a um caso de honra entre Francisco Alves Feitosa e a família da sua primeira mulher<sup>50</sup>, e narra as rivalidades sobre as doações de terras.<sup>51</sup> O que percebemos a partir da leitura da obra de Leonardo Feitosa “Tratado Genealógico” é que até então essas famílias viviam em uma relação considerada harmoniosa, se relacionando já em Pernambuco e quando vieram pro Ceará, nas proximidades do rio Jucá.

Outras versões sobre essa disputa entre família é a do médico Francês que viveu na cidade de Icó:

Conforme afirma Teberge, o morubixaba Antonio Pinto e o tenente Simão Roiz Ferreira requereram sesmarias no rio Jucá, sabendo que essas terras eram próximas ao rio eram propícias e superiores para a criação de gados, sabendo disso o Capitão-mór Geraldo do Monte requereu aquelas mesmas sesmarias, mas também se descuidou e incorreu na mesma pena de comisso. Sabendo de tudo, o Comissário Lourenço Alves Feitosa, requereu uma sesmaria de três léguas de comprimento e meio de largo para a cada banda, no rio Jucá, e outras para sua esposa e filho, ao todo 9 léguas, compreendendo a extensão das que haviam caído em comisso, e lhes foram concedidas as ditas sesmarias em 8 de junho de 1720. Restava a Geraldo do Monte reconhecer que lhe não assistia direito para litígios e nem razão para

<sup>49</sup> CHANDLER, Billy Jaynes., 1980. p.34.

<sup>50</sup> Francisco Alves Feitosa, cunhado do Capitão-mór Geraldo do Monte. FEITOSA, Leonardo, Tratado genealógico, 1985, p. 14

<sup>51</sup> ARARIPE, Tristão de Alencar. História do Ceará, p.159-60. Apud. CHANDLER. 1980,p.34.

vir cortar cordas no serviço de tombamento, separando a sesmaria de cada suplicante.<sup>52</sup>

A partir da afirmação de Theberge, o autor Leonardo Feitosa de certa forma coloca em desvantagem a primeira versão da rixa dos Feitosas e Montes onde essa briga entre Feitosas e os Montes teriam iniciado por questões de honra entre a irmã do Capitão-mór Geraldo do Monte e o cunhado Francisco Feitosa. Porém, o autor nega essa hipótese e coloca a versão de Theberge explicada na citação acima, como mais consistente, no que se refere ao motivo que iniciou as lutas entre esses grupos familiares, ou seja, o fato é que ao tempo que essas famílias lutavam por apropriação de terras e, sobretudo, pela maior quantidade de terras próximas ao rio Jucá, essas disputas desencadearam uma série de conflitos envolvendo os Feitosas e os Montes.

Haviam reunido um bando de índios que, sob a chefia de um filho de Francisco Alves Feitosa, haviam matado vários moradores dos Inhamuns. Em consequência dos recentes acontecimentos, informa o padre a Francês, a maior parte dos habitantes da área permanecia próxima às suas fazendas ou tinha fugido para a igreja, temendo que os Feitosa e seus aliados indígenas pudessem desencadear novos ataques.<sup>53</sup>

Em relação ao que foi citado acima, sobre esses severos ataques retirados dos documentos oficiais, Chandler ressalta que esses documentos continham informações insuficientes no que se refere a essas contendas que envolviam essas famílias. Fatores que o autor Leonardo Feitosa também discorda, e aponta que muito do que é tratado pelos cronistas não trás pontos favoráveis para os Feitosas e não traz censura para com os montes quando estes vinham atacar os Feitosas e seus próprios domínios.<sup>54</sup> Percebemos, de forma evidente, que esses autores tanto Chandler quanto Leonardo Feitosa ressaltam a insuficiência no que se refere aos ataques dos Feitosas frente aos Montes, ou seja, eles negam a hipótese de apenas os Feitosas atacavam os Montes, de forma que não traziam a tona como de fato se davam esses constantes conflitos.

[...] foi necessária à intervenção do Capitão-mór, que resolvera acabar com as lutas fraticidas, que agitavam a vida nos sertões e, aconselhando, fez a separação dos contentores, indo o coronel Francisco Alves Feitosa demorar, na fazenda Môcha no Piauí<sup>55</sup>. [...] Da amizade daqueles dois homens tinha de surgir, posteriormente, a afinidade no seio de suas famílias, como veremos mais tarde, por diversos casamentos.<sup>56</sup>

<sup>52</sup> THEBERGE, Pedro. p.127-30. Apud. FEITOSA, Leonardo, 1985,p.15.

<sup>53</sup> CHANDLER, 1980. p.42.

<sup>54</sup> FEITOSA, Leonardo. 1985, p.16

<sup>55</sup> Lugar onde posteriormente foi fundada a cidade de Oeiras, primeira capital do Piauí.

<sup>56</sup> FEITOSA, Leonardo. p.17-18

Ainda ressalta que o desfecho dessas contendas que envolviam os Montes teve um fim com a intervenção do governador, o Capitão-mór Manoel Francês, que separou os contentores, não havendo, após isso, mais nenhum movimento armado. Logo após isso, Francisco Alves Feitosa retorna a Cococi no alto do Rio Jucá e veio a falecer na pequena povoação de Cococi onde construiu uma capela com licença em 1740 e terminou o serviço em 1748, quando foi visitada por Frei Manoel de Jesus Maria que achou boa para a celebração do culto<sup>57</sup>. Percebe-se que com o desfecho dessa rixa, Francisco Alves Feitosa se fica em Cococi, local onde constrói a igreja, e que posteriormente vem a falecer. O interessante é que com o final das constantes e sangrentas lutas com os Montes, brigas que agitavam o sertão, como afirma Leonardo Feitosa, após o fim dessas contendas, anos mais tarde já se percebe esses dois grupos dialogando, tendo em vista os casamentos registrados entre os Feitosa e Montes.

Em 1781, onze anos após a morte de Francisco Alves Feitosa, data do casamento do Capitão-mór José Alves Feitosa na capela de Cococy. Assumindo o cargo de capitão dos Inhamuns em 1791, e ali se manteve durante trinta e dois anos até falecer em 1823. Grande parte de sua longa e notável carreira é marcada pelo desenvolvimento dos Inhamuns durante o início do século XIX.<sup>58</sup>

Ainda sobre o fim da luta dos Montes e Feitosa, Billy Jaynes Chandler<sup>59</sup> ressalta que no início do século XIX, apesar da escassez de registros, nesse período os Inhamuns parecia estar vivendo em um clima de tranquilidade e sem grandes destaques no que se refere a conflitos familiares e, sobretudo, se colocando numa posição de pouca proeminência sobre a região dos Inhamuns. Observemos ainda no diz Chandler sobre a organização parental da Família Feitosa:

Nos Inhamuns, essa categoria muitas vezes incluía empregados respeitados, tais como o vaqueiro, escravos de confiança e moradores que estavam com a família há muito tempo e agregados. Estes últimos eram pessoas que viviam na fazenda sob a permissão do proprietário, mas em situação indefinida, e variavam numa gama que ia desde os amigos da família até os pistoleiros contratados e outros tipos de marginais.<sup>60</sup>

<sup>57</sup> Idem, p.18.

<sup>58</sup> CHANDLER, 1980. p.50-51.

<sup>59</sup> Historiador norte americano escreve “Os Feitosa e o Sertão do Inhamuns” fruto de sua pesquisa da pós-graduação, decide viajar até o Nordeste brasileiro para escrever sobre os costumes das comunidades sertanejas, relações familiares, e assim, opta pelo sertão dos Inhamuns, tradicional região onde vivia uma família que teve papel de proeminência na região, sobretudo, por suas relações de poder.

<sup>60</sup> CHANDLER, Billy Jaynes. Os Feitosa e o Sertão dos Inhamuns: a história de uma família e uma comunidade no Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p.15.

Também ao tratar sobre questões genealógicas desse grupo parental, Leonardo Feitosa (1985) destaca que por mais que haja esses vínculos com outros grupos familiares, como aponta os casamentos com famílias, a exemplo dos Araújo, os Melo, os Martins, os Vieira, os Mourões, os Aragão e outros grupos familiares<sup>61</sup>, não há como negar o sangue dos Feitosas que correm nas veias, sendo assim, de forma incontestável apesar das misturas com outras famílias, eram considerados legítimos, até mesmo aqueles que não têm ligações de sangue. Ou seja, a partir da citação de Chandler, nos Inhamuns várias categorias eram inseridas dentro desse grupo familiar, como o vaqueiro, escravos, moradores que viviam nas fazendas com a permissão da família, porém, não tinham papel determinado, e amigos da família, que viviam nas proximidades das fazendas e que, portanto, se organizavam e dialogavam juntamente com os Feitosas.

Nessa perspectiva, em artigo publicado por Barão de Sturdart sobre Manoel Martins Chaves na administração de João Carlos Augusto Oeynhausien partindo do que os viajantes Henry Koster e Roberto Southey narravam sobre os Feitosas do Ceará. Sobre Manoel Martins Chaves acrescenta: “Homem de enorme e indisputada influência, que lhe advinha dos cargos de que estava investido e a riqueza que possuía, tinha a própria importância aumentada pela dos Feitosas, família extensa e poderosa com que estava entrelaçado e que o reconhecia como chefe”<sup>62</sup> Como enfatizado anteriormente, o Feitosas do Ceará tinha suas bifurcações<sup>63</sup> familiares (Araújo, Vieira, Souza, Aragão, Melo, Martins, Chaves, Galvão, Barros etc.), ou seja, esse prestígio incluía uma série de misturas de famílias, o que não era considerado um problema, pelo contrário, eram reconhecidos tal como legítimos.

Percebemos a partir do que foi colocado acima, que os sertões e suas leis estavam nas mãos dos sertanejos donos de gado, ou seja, eles não levavam em consideração as instituições públicas, mas implantavam suas formas de “fazer justiça”,desse modo, não seguiam padrões estabelecidos pelas leis civis, para seu próprio parecer, faziam aquilo que achava correto e justo para sua família. Sendo assim, criavam suas próprias formas de fazer justiça no sertão, e consequentemente, não olhavam com bons olhos as instituições públicas.

As instituições públicas, até onde pudessem ser consideradas como tal, não mereciam confiança, porque muitas vezes seus administradores deixavam de servir a todos. Mesmo quando o faziam, a sua interpretação do bem-comum não era necessariamente equivalente ao bem-estar da parentela e dos seus

---

<sup>61</sup> ARAÚJO, F. Araújo. Araújo e Feitosas: colonizadores do alto e médio Acaraú. Fortaleza: Gráfica Ramos, 1995.

<sup>62</sup> STURDART, Barão de. 1909, p.6.

<sup>63</sup> ARAÚJO, Raimundo Alves de. Família e poder: a construção do Estado no noroeste cearense do século XIX (1830-1900)— Fortaleza, 2011, 221 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) Universidade Estadual do Ceará, 2011, p.40.

componentes. O relacionamento significativo era então a família, e dentro dos seus conselhos fazia-se justiça e distribuía-se proteção de acordo com os seus padrões e, quanto às instituições públicas, estas deveriam ser dominadas ou bloqueadas.<sup>64</sup>

Desse modo, o público e o privado eram marcados por conflitos, que ora ou outra se caracterizava por agitações de uma família que exerceu grande papel na região dos Inhamuns. Essas relações conflitantes, de uma família que não estabeleciam uma boa relação com as instituições públicas, desse modo, estabeleciam suas próprias formas de justiça e se afastavam das instituições administrativas, como aponta Charles Ralph Boxer: De modo semelhante aos senhores de engenho, os barões do gado e os magnatas do interior - os “poderosos do sertão”, como eram chamados tendiam a se constituir na própria lei.<sup>65</sup> Desse modo, agiam a partir de suas próprias convicções, fazendo o que achavam justo pra si e para a família, e assim, fugiam ou não aceitavam as leis civis e criminais.

Como trabalhado anteriormente, a família parental exercia e estabelecia suas formas de leis nos sertões. O mais comum era mesmo preservar minimamente uma unidade em torno de um chefe de família. Algumas destas, inclusive, mantivera estes laços por séculos, construindo uma verdadeira identidade familiar a partir de uma memória de grupo.<sup>66</sup> Assim foi, com a família Feitosa, que por meio dos irmãos Francisco e Lourenço Feitosa receberam da Coroa portuguesa mais de vinte sesmarias ao longo do rio Jaguaribe. Os membros dessa família casaram-se entre si, ou mesmo com outras parentelas (como os Araújo Chaves da Ibiapaba e os Castro do Rio Grande do Norte), mas sempre se preservaram unidos, inclusive difundindo uma memória familiar durante gerações e gerações.<sup>67</sup>

Nossa capital (Fortaleza) não possuía qualquer poder político ou econômico que justificasse receber esse nome. Fortaleza era uma capital sem poder efetivo sobre seus interiores. Quem tinha peso, e quem realmente governava o Ceará, era cada uma dessas fazendas, com suas famílias latifundiárias enfeudadas em suas terras. O Ceará só conhecia até então o “governo da família” pela família e para a família. E o “povo” era uma “arraia miúda” indesejada, que vivia dos “favores” de suas elites.<sup>68</sup>

<sup>64</sup> CHANDLER, 1980.p.16.

<sup>65</sup> BOXER, Charles Ralph. O império marítimo português (1415-1825). Tradução: Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 303.

<sup>66</sup> ARAÚJO, Reginaldo Alves de. QUANDO A ORDEM CHEGOU AO SERTÃO: AS RELAÇÕES ENTRE O ESTADO IMPERIAL E AS ELITES DA REGIÃO DO ACARAÚ – CEARÁ (1834 – 1846) Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará. 2002.

<sup>67</sup> CHANDLER, Billy Jaynes. Op. Cit. e FARIAS, F. Araújo. Araújo e Feitosa: colonizadores do Alto e Médio Acaraú. Fortaleza: Gráfica Ramos, 1995 citado por ARAÚJO, Reginaldo Alves de. 2012, p.80.

<sup>68</sup> ARAUJO, Raimundo Alves, Cultura e sociedade nos sertões do Ceará do século XIX. **Nas trilhas do sertão:** escritos de cultura e política nos interiores do Ceará. Sobral, CE: Sertão Cult. 2015, p.77.

Para tanto, percebemos que o poder da família parental ultrapassava qualquer instituição. Nesse sentido Reginaldo Alves de Araujo (2012) ainda reitera sobre os Feitosas dos Inhamuns que esse grupo parental criou núcleos de influência a partir de determinados espaços geográficos. “Às vezes, a própria história destes povoados se confunde com a destes senhores do sertão”. De fato, a Família Feitosa formaram de forma extensa, enormes riquezas, a partir da criação de gado, como já trabalhado anteriormente, o que fez de grupo parental formador de vilas e povoados, exercendo suas próprias formas administrativas.

Para Raimundo Alves de Araújo (2011) antes da afirmação de Fortaleza enquanto pólo e centro de poder político-burocrático do Estado/Província do Ceará, as regiões e os moradores dos espaços distantes da capital conheceram uma ordem cuja fonte principal era a autoridade arbitrada pela família parental. De modo que ele analisa, exatamente, a perda desse poder ou sua gradativa decadência, ao tempo que a máquina do Estado se fortalecia. Porém, na medida em que os Feitosas perdiam seu poder político, estes ficaram restritos apenas nas vilas, fazendas e cidades na qual ali ainda se tinha domínio, agora controlando o governo a nível municipal, já que em nível de Estado estavam perdendo espaço. Eles começaram a exercer o poder familiar dos sertões na medida em que o aparelho burocrático do Estado se modernizava e o centro econômico da província se estabelecia na capital administrativa, Fortaleza.

Sobre a decadência desse grupo familiar ou pelo menos a perda da possibilidade de controlar a máquina do Estado a partir de suas próprias formas de leis, Araujo ainda ressalta:

Dispersos pelos sertões semi-estéreis dos Inhamuns e pela Serra Grande, tal grupo parental decaiu em prestígio e poder na medida em que a estrutura burocrática do Estado se modernizava e o coração econômico da província se centralizava em Fortaleza. Confinados em seus “feudos rurais”, os Feitosa e suas bifurcações familiares (Araújo, Vieira, Souza, Aragão, Melo, Martins, Chaves, Galvão, Barros etc.) não souberam — ou não puderam — se adaptar aos novos tempos e ficaram restritos às pequenas vilas e cidades e ao domínio de suas fazendas (o que não era pouca coisa, já que isso lhes garantia ainda a possibilidade de controlar a máquina do governo em nível municipal, e de emprestar seus homens e votos ao Partido Conservador e depois Liberal durante boa parte do período de duração da Monarquia brasileira.<sup>69</sup>

A citação acima demonstra que ao tempo que a máquina do estado se fortificava, os grupos familiares e, sobretudo, os grandes fazendeiros que até então regiam as leis do sertão e exerciam autoridade e poder no sertão dos Inhamuns. Segundo o autor, estes não se adaptavam com as novas exigências do novo aparelho burocrático do Estado e preferiam ficar no domínio de suas vastas propriedades, sobretudo, quando a força policial também se

<sup>69</sup> ARAÚJO, Raimundo Alves de. 2011, p.40.

fortalece e coloca em risco o poder e a ordem antes exercida pela família parental no sentido de manter a ordem dos sertões e negando ordens jurídicas.

Para tanto, afirma Billy Jaynes Chandler:

Essa influência era, em geral, pró forma, pois, na prática, os potentados exerciam ampla autoridade no âmbito de suas comunidades. Mais tarde, as instituições do Império, ao se tornarem mais fortes por volta da década de 1840, ameaçaram pôr um fim a essa autoridade. Primeiramente, a chegada dos delegados e do destacamento policial tiraram dos chefes da família Feitosa a autoridade policial que até então tinham exercido como oficiais da milícia.<sup>70</sup>

Contudo, percebemos que por mais que estes não se adaptassem aos novos tempos, o prestígio e poder ainda existiam, porém, restritos nos povoados e fazendas, mas exerciam ainda a possibilidade de controlar na esfera municipal. O que nos faz pensar que por mais houvesse um queda do poder administrativo, este foi um processo gradativo onde desde o princípio do século XVIII e fins da República Velha a família Feitosa exercia poder solidamente baseado na terra e no prestígio adquirido na época da colonização. [...] Mais tarde, as instituições do Império, ao se tornarem mais fortes por volta da década de 1840, ameaçaram por um fim nessa autoridade<sup>71</sup>. Onde os Feitosas foram perdendo influência em relação a outras famílias. Como ocorrido em Tauá:

[...] Em Tauá, o maior e mais importante município dos Inhamuns. Nos primeiros anos da República, a oligarquia dos Acioli deu apoio aos Feitosas que, contando com a policia estadual, absorviam ou sufocavam a oposição. Mas, após a queda da oligarquia em 1912, estava evidente que os Feitosas haviam perdido sua superioridade no município.<sup>72</sup>

Desse modo, Cococi<sup>73</sup>, até então como vila, começa a ganhar destaque na medida em que os Feitosas perdem sua influência política em outros municípios. Agora, colocar Cococi na categoria de município começava a ganhar força e consistência, ao tempo que perdiam força em Tauá, maior centro político e econômico dos Inhamuns. Como percebemos conforme o que nos afirma Chandler, é que no final da década de 1960 os Feitosas ainda dominavam a região de Arneirós – nessa época subdividido nos municípios de Arneirós e Cococy – mas em Tauá e Parambu (sendo o último um município recém-criado no canto do

<sup>70</sup>CHANDLER, p.205.

<sup>71</sup>CHANDLER, p.206.

<sup>72</sup>Idem, p.206.

<sup>73</sup> A vila de Cococi após a municipalização de Parambu, em 15/09/1956 passa a ser distrito desse município. Fonte: IBGE

nordeste dos Inhamuns) sua influência não era tão importante. Em Tauá, os Gomes continuavam sendo a família com maior força política.<sup>74</sup>

No entanto, no início do século XX, Cococi ainda como vila, passou a ter uma maior visibilidade, pois os Feitosas já perdiam poder de forma gradativa em outros locais como já ressaltamos, até então concedida como vila. Pouco tempo depois foi elevada a categoria de município pela própria iniciativa dos Feitosas. Apesar da perda do poder administrativo, os Feitosas ainda tinham a possibilidade de exercer poder na máquina municipal.

E desse modo, Cococi entra nesse contexto e passa a ser constituído pela influência política designada aos Feitosas, formando então uma estrutura política, econômica, a partir da criação de gado e agricultura e relações sociais. Para que por fim, Cococi, passasse a ter os dias contados, a partir do momento em que em meados de 1968 foi rebaixada a categoria de distrito de Parambu e marcado pela evasão das famílias. Mas, que, portanto, esse espaço é marcado pela memória, ou seja, de um lugar antes de sociabilidades e relações sociais, e que passa a ser apontado pelo esquecimento e abandono histórico.

### 1.3 Com os dias contados...

É importante perceber como Cococi foi se construindo dentro desse espaço que envolveu vários conflitos históricos como ressalta o Censo Cultural: os enormes casarões que formam a larga e única rua da pequena vila, pertencentes aos diversos ramos da família, guardam a memória dos dramas e feitos daqueles que ao longo dos séculos dominariam os sertões quase selvagens dos Inhamuns. Histórias fantásticas de almazinhas, como Ana Feitosa, que morreu picada por uma das serpentes de sua criação. De Maria Alves Feitosa, cujo marido, embriagado, costumava surrá-la em plena procissão. Ou de Francelina, amante do major Feitosa, derradeiro chefe oligarca do clã, que ao morrer lhe destinou parte da herança. Episódios heróicos e tenebrosos da luta pela conquista da terra, gado e gente.<sup>75</sup>

A nota publicada no Blog Fortaleza em Fatos relata que:

No recenseamento geral de 1950, promovido pelo IBGE, o atual município de Parambu e seu distrito Cococi, eram ambos distritos de Tauá, do qual foram posteriormente desmembrados e sua populações totalizavam 15.458 habitantes. No Censo demográfico realizado 10 anos depois, em 1960, Cococi já aparece como município 4.064 habitantes. 2.181 homens e 1.883 mulheres.<sup>76</sup>

<sup>74</sup> CHANDLER, 1980, p.155.

<sup>75</sup> Cococi\* O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 256.

<sup>76</sup> GARCIA, Fátima. Fortaleza em Fatos. Cococi – A cidade fantasma no sertão do Ceará. Publicada em 3 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2016/05/cococi-cidade-fantasma-do-sertao-do.html>. Acesso em 15/01/2017.

Percebemos a partir dos dados analisados do IBGE, que Parambu e Cococi eram ambos distritos de Tauá, maior centro político/administrativo da época. Porém a partir da lei estadual nº 3338, de 15-09-1956, inicialmente Parambu é desmembrado de Tauá e instituído município. Cococi fica na categoria de distrito. Porém, um ano depois pela lei estadual nº 3858, de 17-10-1957, desmembra do município de Parambu o distrito de Cococi. Elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído do distrito sede.<sup>77</sup> O que se percebe na década de 1950 é que o interesse em instituir Cococi como município passa a ser evidente. Até mesmo com o número inferior de habitantes em relação ao que o Estado exigia. Porém, em 1957 foi elevada à categoria de cidade pela própria iniciativa dos Feitosas, tendo em vista o poder e influência política ainda muito forte pelos coronéis e fazendeiros.

Sobre a decadência de Cococi em 1968, Rodrigo Xavier (2011) aponta que foram vários problemas ou fatores que conduziram Cococi para a condição em que se encontra hoje. Nesse sentido o autor coloca que:

Segundo Rodrigo Xavier:

[...] Conta a história popular que o antigo prefeito, ao receber verbas para investimento no lugar, teria utilizado indevidamente o dinheiro para a compra do gado. Revoltado os moradores abandonaram a cidade. Esse abandono permanece até hoje. Por volta de 1967, ano do último pleito político, que na época estava nas mãos de Eufrásio Alves Feitosa, o Major Feitosa, iniciou uma disputa política para ocupar o cargo executivo do município de Cococi, a partir de então iniciará um desentendimento entre os principais membros da família Feitosa que trará momentos de discussões, intrigas e denúncias, somando-se gerou o fim de Cococi. Denúncias essas que partiam do fato de Cococi ser, desde a época do seu surgimento, um local de propriedade particular, e mesmo assim recebia verbas do Governo do Ceará que não eram aplicadas em benefícios da sociedade. Existia também em Cococi uma população inferior ao estabelecido pela lei, que era de 5.000 habitantes para o reconhecimento de um município e muitas irregularidades na aplicação da verba que era destinada ou município.<sup>78</sup>

Dentro dessa perspectiva, segundo essa série de denúncias para com o prefeito Eufrásio Alves Feitosa ou conhecido do Major Feitosa teria chamado a atenção das autoridades políticas e assim, Cococi volta à condição de distrito. Outro fato é que o município estava localizado em uma fazenda, na qual, perante a lei isso seria inaceitável em uma população de 5.000 mil habitantes, ou seja, percebemos a partir dessa citação várias

<sup>77</sup> Fonte: IBGE

<sup>78</sup> LEITE, R X DA CRUZ. **Cococi-Ceará: A cidade esquecida no tempo. Quem conta a história?** Trabalho de Conclusão de Curso, 2011. p.49.

irregularidades na formação e estadia de Cococi enquanto município do estado do Ceará, o que colocou essa pequena cidade numa condição de “dias contados”.

Já em Cococi, no Ceará, a economia foi o menor dos problemas. “Durante o governo Castello Branco, chegou ao ouvido dos militares que havia uma cidade que se fazia passar por cidade, mas na verdade pertencia a um fazendeiro”. A área era da família Feitosa, que recebia repasses de impostos do governo federal. Nestor Razente rastreou o inquérito que mostra a cassação do mandato do prefeito, que então trocou a Arena pelo MDB, mudou para a cidade vizinha e convocou os antigos moradores de Cococi a irem com ele para o novo município. Hoje Cococi mantém igreja e cemitério e, uma vez por ano, recebi fiéis católicos da região em romaria.<sup>79</sup>

Segundo essa publicação do Jornal *Gazeta do Povo*, o processo de despovoamento da cidade de Cococi é marcada por uma série de problemas de cunho político, aonde no mandato do Presidente Castelo Branco (1964-1976) chega ao conhecimento do governo que Cococi teria um ‘dono’, ou seja, uma cidade que estava localizada em terreno particular pertencente a família Feitosa, esta que recebeu essas terras na região dos Inhamuns a partir da concessão de sesmarias. Contudo, a partir dessas denúncias, o governo federal decide então rebaixar a cidade de Cococi, reduto dos Feitosas, para a categoria de distrito ao tempo que requereu a cassação do prefeito de Cococi por inúmeras acusações de estar usando indevidamente o dinheiro público do município. Diante disso, percebe-se que foram um série de irregularidades que colocaram Cococi com os dias contados, onde a partir da desconstituição para distrito de Parambu-CE, as pessoas foram evadindo de forma gradativa até chegar ao despovoamento, restando apenas os chamados “moradores” pessoas da confiança da família Feitosa, para cuidar do gado e da propriedade que corresponde a Cococi.

---

<sup>79</sup> Oito cidades fantasmas brasileiras. Jornal *Gazeta do Povo*. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/futuro-das-cidades/livro-conta-a-historia-de-oito-cidades-fantasmas-brasileiras-2k7b19i5jih6o0xhsqs57qinb>. Acesso em 20/01/2017

## CAPÍTULO II

### MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOS VIVERES URBANOS EM COCOCI-CE

Todas as cidades têm características comuns, aspectos existentes em todas as urbes: praças, cartório, ruas estreitas ou largas, mas que cada uma possui suas peculiaridades, experiências vividas e compartilhadas de forma subjetiva. Nesse sentido, em Cococi não é diferente. Esse lugar não se restringiu apenas ao aspecto físico, mas foi também um espaço de amizades, desentendimentos, de fé, memória de vários acontecimentos que se fixam fortemente em histórias e narrativas dos que ali viveram e as lembranças que caminham lado a lado na história desses indivíduos. Desse modo, as lembranças das experiências e da vida em Cococi se fazem presentes nas memórias daqueles que um dia residiram, vivenciaram ou até mesmo visitou, mesmo que por pouco tempo, porém partilhou experiências e sociabilidades na esquecida cidade.

Decidimos nesse capítulo fazer uso da abordagem da História Pública, de proporcionar “reflexões sobre a atuação do profissional capaz de motivar a consciência histórica para um público amplo, não exclusivamente acadêmico”<sup>80</sup> ou seja, a utilização da História pública não significa dizer que perderemos o nosso papel, sobretudo, nosso compromisso enquanto historiador, mas de articular o conhecimento acadêmico com a comunidade, de pensar a ampliação desse saber para além dos caminhos da ciência, mas de ampliar essas discussões com as produções fora do âmbito da academia.

É nesse sentido que nos propomos nesse capítulo a trabalhar com as memórias dos que viveram em Cococi, ao tempo que também traremos sujeitos que viveram, habitaram e se inseriram no cotidiano da cidade. É nesse prosseguimento que pretendemos utilizar a história oral “como processo de construção de memórias: a construção da entrevista como exercício de diálogo, o processo de análise como respeito e atenção às dissonâncias, à fala como expressão de diferenciações e confrontos entre sujeitos que compartilham um modo de vida, mas com experiências e tempos diferentes”<sup>81</sup>. Tendo em vista que muitos têm vivências distintas e é a partir dessas memórias e singularidades que construiremos o nosso trabalho.

Aqui também analisamos de que forma as coberturas jornalísticas vem refletindo sobre a memória de Cococi. De que forma Cococi vem sendo representada nessas produções

---

<sup>80</sup> ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”**. XXVII Simpósio Nacional de História. 2013p.2

<sup>81</sup> VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Tempos e memórias. Caminhos para o sertanejo: quem conta histórias?

midiáticas? Ao tempo que se encarregam trazer as lembranças da cidade, fatos que carregam em si uma lembrança de abandono e que não são esquecidos.

O início de toda pesquisa é sem dúvidas, complexo. Pensando por este viés, comecei então a definir quais seriam os meus entrevistados, quem poderia contar ou trazer suas experiências de vida. Quem podia falar sobre a vida em Cococi e seus viveres. Foi a partir disso que procurei os atores envolvidos nos vários processos, como também de Cococi enquanto cidade e distrito a partir do momento que Cococi perde sua municipalidade. Nesse sentido, pretendemos ouvir indivíduos comuns, que fizeram parte da história de Cococi, que ali viveram, casaram-se e que, portanto, deixaram marcas e memórias nesse espaço. Serão dentro dessas questões, ou a partir das marcas deixadas por esses indivíduos e das lembranças que se cristalizam no tempo que tomamos como base para escrita e construção desse segundo capítulo.

Outra questão fundamental passou a ser não apenas o contato com a comunidade ou a preservação de fontes, mas a construção de um ambiente virtual, por meio da televisão, do cinema, dos museus, da gestão e conservação de arquivos e centros de memória, da fotografia e da internet. La storiasiamonoi, programa produzido pela RAI, ou o HistoryChannel, na Inglaterra, são alguns exemplos de como os meios de comunicação podem popularizar a história. Deve-se salientar que fazer história pública não é só ensinar e divulgar certo conhecimento. Pressupõe pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos.<sup>82</sup>

Para isso, utilizamos de forma intensa nesse segundo capítulo a História pública, onde discutimos como o público se articula com a memória de Cococi, pois vemos na História pública uma forma de: “difundir o conhecimento histórico de maneira responsável e integrada para amplas audiências; por meio de arquivos, centros de memória, museus, televisões, rádios, editoras, jornais, revistas, consultoria, entre outros espaços”<sup>83</sup> ou seja, momento este em que nos preocupamos não tão somente em entender o que a academia está produzindo sobre a memória de Cococi, mas também a própria comunidade, o próprio museu, fugindo assim de uma produção sistematizada do conhecimento, mas de perceber como o público se envolve com a memória da cidade tida como abandonada.

Deve-se salientar que fazer história pública não é só ensinar e divulgar certo conhecimento. Pressupõe pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação

---

<sup>82</sup> ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”**. XXVII Simpósio Nacional de História. 2013p.2

<sup>83</sup> ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira, p.1

entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente.<sup>84</sup>

Nesse sentido, essa proposta da história pública também não se refere a divulgação do conhecimento aleatoriamente, mas sim de estimular a comunidade e o público da sua importância enquanto sujeitos da história, indivíduos que produzem histórias e perceber que estes tem suas contribuições, que são sujeitos capazes de produzirem e de preservarem seu passado e a essência desse elemento para o que estão vivenciando atualmente.

## 2.1 Marcas e memórias de uma cidade esquecida

Trabalhar com as fontes fotográficas é ser dirigido pela memória, ao tempo que se colocamos numa condição de analisar essas construções imagéticas. Desse modo, Boris Kossoy (2007) entende as fotografias como memória, na medida em que reflete sobre as imagens. Nesse sentido utilizamos produções fotográficas do acervo particular de Sócrates Oliveira<sup>85</sup>, e da Exposição Cococi, realizada por Rubens Venâncio e Jorge que traz o cenário atual em que se encontra a remonta cidade de Cococi. Desse modo, a partir das lentes desses fotógrafos regionais, pretende-se trazer problemáticas acerca das produções fotográficas e a memória, ou seja, como a imagem reproduz e representa a memória da cidade de Cococi ou uma cidade considerada fantasmagórica.

Saudades...

A paisagem mudou, nuvens escuras tomam todas as formas do céu. O prenúncio de alguma chuva traz consigo o risco verde de esperança nos galhos roxos e ressecados, é o sinal de felicidade em forma de alimento para bodes, ovelhas e algumas vacas que aqui ficaram, mas traz também a intensidade de recolhimento que hiperboliza o sofrer e a melancolia.<sup>86</sup>

Esse poema traz muito o sentimento de pertencimento, de antigos moradores da cidade, de pessoas que cederam ao despovoamento e que, portanto, carrega as marcas do que deixou. Percebemos o teor de saudade no trecho acima, escrito por Eneida Feitosa, descendente de umas casas mais conhecidas de Cococi, ela trás uma escrita carregada de um sentimento de saudade e lembranças, de um espaço que foi apresentando com o passar do tempo uma nova configuração.

<sup>84</sup> ALMEIDA. Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira, p.3/4

<sup>85</sup> Fotografo da cidade de Parambu, que dedica seu tempo para registrar os espaços de Cococi.

<sup>86</sup> Trecho do poema “Cococi” de Eneida Feitosa, apresentado na exposição fotográfica “Cococi” realizada no Dragão do Mar em Fortaleza-CE (2016). A autora é descendente de uma das duas casas mais antigas de Cococi.

Observamos isso quando a autora do texto mostra na frase destacada a seguir “A paisagem mudou, nuvens escuras tomam todas as formas do céu”, ou seja, o cenário mudou, houve mudanças tanto físicas quando olhamos a paisagem atual em relação aos anos passados, como também no cotidiano da cidade, antes com muitas pessoas, crianças brincando, e agora o abandono e habitada por poucos. Ainda se percebe toda a representação em torno da “cidade fantasmagórica”, também representa o ressentimento de um tempo que se foi, de um “lar” destruído, da tristeza e da nostalgia quando se pensa em um espaço antes de subjetividades, sobretudo, de um ambiente propício para o despertar longas conversas nas calçadas, no bares, e na própria pracinha, ao tempo que hoje não existe mais, ou essas relações se enfraqueceram com o despovoamento.

Como observamos na publicação do Blog Vos, intitulada “Cococi: habitada por pouco, conhecida por muitos<sup>87</sup>”

Cococi é uma cidadezinha habitada por poucos, mas conhecida por muitos. Ela fica a 450km de Fortaleza e a 40km de Parambu, município da qual é distrito. Saindo da CE-277, ainda é necessário dirigir por 2h numa estrada de piçarra. Ao todo, duas famílias somam a população total da localidade; cerca de cinco pessoas que vivem sob a tutela da família Feitosa, donatária da sesmaria que deu origem ao vilarejo. Um povoado protegido, apesar da pobreza.

A publicação acima, nos traz questões que foram evidenciadas no capítulo anterior desse trabalho, onde colocamos que por mais que Cococi seja atualmente um espaço habitado e frequentado por poucos, ela está guardado nas memórias de muitas pessoas. Aqueles que viveram em Cococi ou passaram férias, talvez houveram parentes e amigos que ali residiram. É nessas memórias que está presente a ‘cidadezinha’ tão esquecida, como ressalta essa nota publicada “ainda é necessário dirigir por 2h numa estrada de piçarra” as péssimas condições de acesso a cidade, evidenciam a falta de interesse público, onde o que se percebe é estradas altamente abandonadas, ladeiras acidentadas e de difícil acesso, ou seja, são mais de 2 horas para se chegar a Cococi, pelo fato de que não se tem um cuidado e olhar devido para com esse esquecido espaço.

Sobre as memórias em torno do viver em Cococi. O depoente Marcones de Castro Feitosa nos conta que:

A primeira vez que estive em Cococi, era ainda muito criança, mas lembro com clareza a casa majestosa, do Senhor Major Feitosa, a capela de uma estrutura bem sólida, em estilo colonial, assim como as outras situadas em frente a casa grande, dando uma impressão de submissão, por conta da imponência daquele lindo, porque não dizer palacete.<sup>88</sup>

<sup>87</sup> Publicação de Luiza Carolina Figueiredo e Fernanda Oliveira em 14 de novembro de 2016.

<sup>88</sup> Entrevista de Marcones de Castro Feitosa concedida a George Ferreira da Costa no dia 20/04/2017

Percebemos a partir do relato acima, que o depoente traz a memória de sua infância, de sua experiência. O interessante é que por mais que essa lembrança marque o período da infância, essa memória insiste em não ser esquecida, em não ser apagada, ele relembra: “a capela de uma estrutura bem sólida, em estilo colonial, assim como as outras situadas em frente à casa grande, dando uma impressão de submissão” percebemos que ele relata com detalhes tudo que vivenciou nesse espaço, memórias que são guardadas e difíceis de serem apagadas ou colocadas ao esquecimento.



Imagem 04: Rua principal de Cococi-CE  
Foto: Acervo particular de Sócrates Oliveira

Ao olhar para a imagem acima, e, sobretudo, ao analisar a fotografia percebemos que o literato Ítalo Calvino em “cidades invisíveis” nos fala, exatamente dessa noção de cidade: esquecida no tempo ou a memória. Vemos na imagem a rua principal de Cococi, ruínas dos antigos espaços de sociabilidades (bares, hotel, “bodegas”). Não se ouve mais o cantar do galo pela manhã, a estreita estrada é pouca movimentada, pois não se tem um fluxo de carros, ou até mesmo animais, já que Cococi já foi conhecida pelos grandes rebanhos de gado. Para Calvino, a cidade, entre tantas representações, é definida também pelos símbolos que a compõem, nesse sentido, ao olhar para essa imagem, ou até mesmo quando visita esse espaço, notamos que as ruínas ficam marcadas em nossas mentes e torna-se símbolo ou um elemento representativo.

A nota enfatizada acima ainda trás que “Ao todo, duas famílias somam a população total da localidade: cerca de cinco pessoas que vivem *sob a tutela da família Feitosa*. Um povoado protegido, apesar da pobreza”<sup>89</sup>. Percebe-se que o autor da publicação ainda traz que

<sup>89</sup> Grifo nosso.

a população ainda residente em Cococi vive sobre a tutela da família Feitosa, ou seja, são agricultores que cuidam da propriedade de Eulálio Feitosa, como colocado no capítulo I, são vaqueiros ou os chamados “moradores” que vivem em Cococi para cuidar dos animais e da localidade.

As pessoas que ainda insistem em habitar Cococi precisam se deslocar para Parambu, quando precisam comprar um remédio na farmácia ou fazer a feira do mês<sup>90</sup>. Os indivíduos que ali residem para resolver questões cotidianas (compras de produtos alimentícios e em geral) precisam ir até a cidade de Parambu, pois em Cococi não existe mais as famosas “bodegas”<sup>91</sup>, farmácias, ou sequer hospital. Desse modo para realizar as necessidades mais básicas, os moradores tem que se locomover passando pela longa estrada de terra que liga Cococi a cidade de Parambu para suprir suas necessidades.

Os fotógrafos Rubens Venâncio e Fernando Jorge que fazem um trabalho sobre o distrito de Cococi e entram de fato no contexto de abandono dessa cidade, descrevem que:

Quem mora por lá vive em casas sem energia elétrica e água encanada. Têm como vizinhas construções em ruínas. As plantas e a ferrugem tomaram de conta de tudo que é imóvel. Quem pôde ir embora, simplesmente foi. Quem ficou, dá, ainda que sem querer, um certo ar fantasmagórico ao lugar.<sup>92</sup>

Sobre o aspecto do abandono e de Cococi ser tão mencionada pela questão fantasmagórica, Clenilda em depoimento diz que: “Não, eu nunca vi nada aqui, não sei por que esse nome de “cidade fantasma” as pessoas que dizem que aqui é fantasma, não sabem porque”<sup>93</sup>. Clenilda é uma das moradoras de Cococi, ela conta que desconhece a denominação de “cidade fantasma” por simplesmente, residir já há alguns anos na localidade e não ter visto nada fora do normal ou fantasmagórico.

No entanto, o “ar fantasmagórico” da cidade é colocado exatamente pelo teor de abandono, pelo fato de que Cococi foi instituída enquanto cidade do Ceará, com mais de 2 mil habitantes. Na cidade tinha cartório eleitoral, açougue, praça, bares, mas que, no entanto, foi abandonada pela população residente, o que passa a ser um lugar abandonado e pouco movimentado. Nesse sentido, essa nomenclatura de “cidade fantasma” não se dá pelo aparecimento de fantasmas, coisas do além, mas pelo abandono local e das políticas públicas e pelo esquecimento histórico. Observamos a imagem a seguir:

<sup>90</sup> Disponível em: Blog Vós. <http://www.somosvos.com.br/cococi-habitada-por-pouco-conhecida-por-muitos/>. Acesso em 20 de Abril de 2017.

<sup>91</sup> Estabelecimento onde se vende vinho e refeições, produtos alimentícios e variedades, pequeno armazém.

<sup>92</sup> Disponível em: Blog Vós. <http://www.somosvos.com.br/cococi-cidade-fantasma/>. Acesso em 20 de Abril de 2017.

<sup>93</sup> Depoimento de Clenilda, moradora do distrito de Cococi. Concedido aos alunos da Escola Profissionalizante. Joaquim Filomeno Noronha. 2017.

Imagem 05: Cococi ao anoitecer



Foto: Rubens Venâncio e Fernando Jorge (2015)

Na imagem acima, percebemos como a fotografia externa a realidade aparente dos determinados espaços e o cenário atual de Cococi, na vastidão dessa foto nos deparamos com o anoitecer na silenciosa Cococi, com o céu estrelado e a noite aparentemente silenciosa, pois não se vê mais crianças brincando ou o barulho destas correndo pelas ruas da cidade. Não se ouve mais o barulho da feira aos domingos ou sequer de conversas na praça central. Vemos que ao fundo da imagem há um vasto horizonte. Esse horizonte contrasta com a noção de cidade abandonada, é como se ainda existisse uma luz que insiste em dizer que aquele lugar é bonito e não tão somente o que persiste em afirmar os outros, que apesar da pouca importância que é destinada, esse espaço vem refletindo o que lhe é dado. Ao meio, é como se avistássemos um “vulto” alguém a caminhar por aquela estrada, passagem que já foi tão movimentada e frequentada, mas que hoje esse chão vermelho é pouco pisado, pouco vivenciado. Na direita vemos o cata-vento que era utilizado para puxar água dos poços.

Boris Kossoy entende a fotografia como registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos: documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência. É assunto ilusoriamente retirado de seu contexto espacial e temporal, codificado em forma de imagem<sup>94</sup>. A foto acima, trás muito sobre o texto de Eneida Feitosa, ou seja, como esse espaço foi se modificando até chegar ao que vemos hoje, um espaço pouco frequentado, considerado por muitos como “cidade fantasma” e, portanto, trás consigo esse teor de esquecimento e abandono.

---

<sup>94</sup> (KOSSOY, p.3, 2007)

Percebemos, ao fazer pesquisa nesses vários sites e blogs da região, como também endereços eletrônicos nacionais, que Cococi é colocado numa situação de cidade abandonada, esquecida, ou até mesmo fantasmagórica. É fácil achar noticiários e notas que evidenciam a cidade como “cidadezinha fantasma”. Nesse sentido, exploramos fortemente a questão da representação que a mídia faz de Cococi. Será que os noticiários às vezes não são pretensiosos e fazem uso dessas expressões e como “cidade fantasma” “cidade abandonada” para outros fins? Trazendo essas notícias no título principal da notícias e de forma destacada esses *slogans* pra despertar interesse do público.

Analisemos e percebemos isso na nota publicada no blog Vos, como já foi mencionada anteriormente, nesse sentido, se atentemos ao que trás essa publicação jornalística:

Uma cidade fantasma. Nela, a única rua do distrito que corta as ruínas de um período áureo, quando foi município independente pelo período de oito anos. Um museu vivo. Toda essa atmosfera atrai muitos fotógrafos, jornalistas e cineastas, tanto que Cococi participou do projeto Mandacaru (time-lapse) e foi uma das locações do filme Lua Cambará (2002), com Dira Paes e Chico Dias, baseado no conto de mesmo nome Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima.

Vemos a partir da nota jornalística citada acima a representação midiática sobre a cidade de Cococi, nesse sentido essa cidade e o seu cenário considerado por alguns de “fantasma” chamou bastante atenção de fotógrafos da região ou até mesmo de outros estados. Dessa forma, vêm a questão: será se essa remota cidade é fantasma? Cococi é realmente um lugar totalmente abandonado como todos atestam? Sabemos que não cabe ao historiador apenas reproduzir o que as fontes estão a nos falar, mas é preciso questioná-las.

“O trabalho fora da Universidade pode se expandir, se popularizar, por meios dos arquivos, de museus, da fotografia, do cinema, da história oral, sem, no entanto, perder a seriedade e o seu compromisso com a produção de saberes”<sup>95</sup> É nesse contexto que a história pública entra nesse presente trabalho, de pensar e estabelecer comunicação com outros saberes como as produções jornalísticas, por exemplo.

Vemos muito dentro dessa percepção de “cidade fantasma” o que fala o Marc Augé quando ele se trata da noção de lugar e não lugar no texto “Não-lugar”. Ele ressalva que para um espaço ser considerado um lugar, as pessoas precisam desenvolver uma relação de sociabilidades, uma sensação de pertencimento. O lugar precisa ser um ambiente propício para o desenvolver de subjetividades humanas. Dentro dessa lógica da mídia, talvez hoje Cococi não seja mais um “lugar” na visão desse autor porque ela existe, mas ali não vive ninguém. Ela é mais um recinto de lembranças.

<sup>95</sup> ALMEIDA. Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira, p.3.

Nessa lógica utilizada por Marc Augé, Cococi para alguns, ou para aqueles que só passam por lá ocasionalmente, seria um “não lugar” pelo fato de que é um lugar de passagem, uma vila no meio da estrada e ambiente sem movimento e de pouca estadia. Pois o não lugar se caracteriza pela ausência dos símbolos de sociabilidades e práticas sociais existentes naquele local.

## 2.2 A história de Cococi e seus públicos

Nesse item, buscamos ressaltar a importância da articulação de Cococi e seu público tendo em vista aquilo que já ressaltamos em momentos anteriores desse trabalho, onde procuramos perceber as produções do público sobre a esquecida cidade de Cococi. Nesse sentido, a partir dessa iniciativa, e de levantamento feito sobre o que o público produz sobre Cococi, nos deparamos com uma produção “caseira” dos alunos da Escola Profissionalizante Joaquim Filomeno Noronha<sup>96</sup> localizada na cidade de Parambu-CE, nessa produção intitulada “Documentário: Cococi a origem”<sup>97</sup> publicado em 9 de maio de 2017.

Nesse sentido, a História pública vem para perceber essas várias possibilidades de se pensar a história.

Pressupõe pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente.

Vemos que a História pública entra nesse trabalho exatamente para contemplar ou dar possibilidades de indivíduos até então esquecidos ou colocados numa condição de marginalizados passem a ter vez dentro do discurso, assim como a proposta da utilização e a importância da história oral como meio de aproximação daqueles que estão distanciados do discurso público, como aponta Alessandro Portelli:

Quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todo os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém ninguém as escutam, ou pouco as escutam<sup>98</sup>

Ao se deparar com uma produção “caseira” dos alunos da Escola de ensino Profissionalizante Joaquim Filomeno Noronha intitulado “Documentário: Cococi a origem”

<sup>96</sup> Localizada na Trav. Avenida Salustrina Henrique da Silva, Avenida Srit **Horacio Alves**. Parambu - CE

<sup>97</sup> Vídeo sobre a Antiga Cidade de Cococi - Parambu – CE. Publicado em 9 de maio de 2017 Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=4ZUIT7iO\\_E8](https://www.youtube.com/watch?v=4ZUIT7iO_E8). Acesso em 22/03/2017

<sup>98</sup> PORTELLI, 2009, p.3

percebemos que esses alunos buscam respostas em relação a tudo que se escuta sobre Cococi, percebemos isso a partir dos momentos em que estes perguntam a dona Clenilda, uma das moradoras de Cococi :“ O que a senhora pode nos dizer de Cococi?”. Dona Clenilda responde:

O que eu poderia dizer sobre daqui de Cococi, e tem muitos comentários, que esses comentários que o povo fala, na verdade eu nem conheci, né? Tudo que dizem daqui, eu nem acredito em tanta coisa que o povo diz daqui. A maioria das coisas que o povo fala daqui não existe não, só lenda só lenda. É mentira não existe<sup>99</sup>

Ao olhar para esse depoimento, lembramos aquilo que Ítalo Calvino diz sobre cidade em sua completude ela também é um símbolo, em Cococi não é diferente, o cenário, as ruínas abandonadas, fachadas em decomposição, casas habitadas por morcegos, denotam um símbolo para aquele espaço. É a partir disso que a gente percebe as construções simbólicas de “cidade fantasma”.

Raramente o olhar se fixa numa coisa, e quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indicando a passagem de um tigre; o pântano anuncia uma veia de água; a flor do hibisco, o fim do inverno.<sup>100</sup> Por mais que o depoimento de Clenilda negue que Cococi esteja vinculado a uma representação de “cidade fantasma”, é importante perceber que ela se refere ao aparecimento de coisas consideradas “anormais” ou fora do comum, pois dentro de sua experiência em Cococi, não presenciou nenhum desses fatos que comprovem a fantasmagoria do lugar, no entanto, o que percebemos é que o cenário local torna-se representativo por sua estrutura em desgaste ou pouco vivenciada.

Sobre a produção da curta metragem feita pelos alunos da Escola Profissionalizante Joaquim Filomeno Noronha:

Bom, a iniciativa foi de alunos de 3º ano, lá é dividido por curso, então foi o curso de Rede de Computadores e Administração. Ocorreu o “Festival dos alunos que inspiram” e foi dada a ideia dos alunos produzirem uma curta metragem, ai através da orientação de professores os alunos tiveram a ideia de visitar a região do Cococi, já que faz parte do município de Parambu, para que eles pudessem entender um pouco mais sobre a história desse lugar, os moradores, que são poucos, então é algo de muita importância, o patrimônio do nosso município. Um patrimônio que o município tem que é esse lugar, e que muitas vezes é esquecida, então essa curta metragem serviu para mostrar

<sup>99</sup> Depoimento de Clenilda, moradora de Cococi. Concedido aos alunos da Escola Profissionalizante Joaquim Filomeno Noronha. 2017

<sup>100</sup>CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

aos alunos que não conhecem a importância desse lugar, de toda a história por trás de tudo que envolve. É uma história muito importante.<sup>101</sup>

A partir desse relato da produção feita pelos alunos, percebemos que estes têm consciência histórica da preservação desse espaço, no sentido de não somente ir até lá conhecê-la, mas de preservar esse espaço e por entender a importância histórica que envolve as ruas estreitas de Cococi. Desse modo, percebemos isso quando no depoimento acima a aula diz que a produção desse material: “então essa curta metragem serviu para mostrar aos alunos que não conhecem a importância desse lugar, de toda a história por trás de tudo que envolve. É uma história muito importante”. Vemos que eles reconhecem a importância de preservar esse espaço, sobretudo, sua relevância para a história do município. E por fim ressalta que Cococi é “um patrimônio que o município tem que é esse lugar, e que muitas vezes é esquecida”. Percebemos que quando os alunos decidem construir esse trabalho eles estão buscando a preservação de Cococi, ao tempo que trazem a tona essa memória.

Essa é uma questão muito interessante, de perceber que essa discussão e percepção sobre a preservação da memória e patrimônio histórico, é um debate que transcende a âmbito acadêmico. Ou seja, esses alunos estão discutindo os conceitos históricos, sobretudo, tem consciência história, e que, portanto, buscam que esse espaço não seja esquecido ou deixado de lado.

Dentro dessa perspectiva como já mencionamos o trabalho feito por Rubens Venâncio e Fernando Jorge de registrar o espaço de Cococi a partir das construções fotográficas, é também uma possibilidade de se pensar a preservação desse espaço. É fundamental perceber que essa produção fotográfica feita por Rubens Venâncio e Fernando Jorge não ficou apenas restrito ao seu acervo particular, mas que ele abriu para o público, ou seja, abrir as portas para mostrar imagens de um local que desperta o interesse de diversos o públicos: “a cidade fantasma”.

Nesse sentido eu o indaguei: O que chama mais atenção da cidade para você? E ele respondeu rapidamente: “O convívio das pessoas com a ausência” as narrativas e histórias sobre lugar, as pessoas, a história, é feita de forma oral.<sup>102</sup>

Se você fecha o olho, num instante, você imagina a típica cidade de interior, ainda hoje, com a praça, com as pessoas na calçada, criança correndo,

---

<sup>101</sup> Entrevista de Damaris dos Santos, aluna do curso técnico em Administração da Escola Joaquim Filomeno Noronha, concedida a George Ferreira da Costa em 25/05/17

<sup>102</sup> Entrevista do fotógrafo Rubens Venâncio, concedida a George Ferreira da Costa no dia 20/12/2016

jogando bola, passeando de bicicleta. E, na verdade, não é nada disso. Isso não existe mais<sup>103</sup>

É interessante perceber através da fala dos dois fotógrafos o discurso de uma realidade conhecida a partir do convívio ao visitar Cococi, a tão conhecida “cidade fantasma”. Vemos que estes têm um interesse de mostrar o cotidiano em uma cidade dita abandonada pela população, ao tempo que procuram tornar memorável a história da cidade. É perceptível no depoimento que estes entendem que essa tradição é oral, e que, portanto, merecem ser registradas para não serem esquecidas.

Esse dois fotógrafos cearenses registraram a Cococi em imagens que foram expostas paredes da Multigaleria do Centro Cultural Dragão do Mar, na capital Fortaleza, onde ficou em cartaz por um mês, como parte da Temporada de Arte Cearense, dentro dos editais culturais 2015/2016 do Dragão do Mar.<sup>104</sup> Essa exposição foi aberta para todos os públicos. Rubens Venâncio<sup>105</sup> um dos fotógrafos e organizadores da Exposição Cococi, fotógrafo desde 2005, me falou sobre a experiência de ter se inserido e convivido na “cidade fantasma” para registrar esse espaço.

A partir dessa observação, também ressaltaremos a importância do caso específico do Museu de Parambu-Ceará, e sua atuação histórica dessa instituição para com a memória de Cococi, distrito dessa referida cidade, percebendo que essa instituição museológica apresenta ao público em geral elementos da memória do distrito de Cococi.

O museu de Parambu nasceu a partir do Departamento de Museus e Centros Culturais (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Ministério da Cultura) com a ideia de estimular a iniciativa de pequenos municípios criarem seu primeiro museu. Concorrendo com projetos de todo o Brasil, a cidade de Parambu, no sertão dos Inhamuns, localizada no sudoeste do Ceará e fronteira com o Piauí, teve o único contemplado no estado e recebeu a 3ª colocação entre os 24 ganhadores. O projeto premiado tem por finalidade viabilizar a primeira etapa de implantação do Museu da Cidade de Parambu a partir da constituição de um levantamento de acervos já existentes e de referências patrimoniais dentro de uma perspectiva

<sup>103</sup> Depoimento do fotografo Fernando Jorge ao Jornal O Povo. Disponível em: <http://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2016/05/10/noticiasjornalvidaearte,3611854/retratos-de-ausencias.shtml>. Acesso em 28/05/2017

<sup>104</sup> Fonte: <http://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2016/05/10/noticiasjornalvidaearte,3611854/retratos-de-ausencias.shtml>. Acesso em 28/05/2017

<sup>105</sup> Formado em Ciências Sociais (UFC), mestre em Sociologia (UFC), doutorando em Artes (UFMG). Pesquisa imagem desde a graduação e sou fotógrafo desde 2005.

de processos de musealização baseados na relação entre patrimônio integrado e intervenção em um território com a participação comunitária.<sup>106</sup>

Imagem 6: Inauguração do Museu Arqueológico e Histórico de Parambu



Foto: Blog Serafim Santos

A fotografia acima mostra o dia da inauguração do museu da cidade de Parambu, em 12 de setembro de 2015, no púlpito vemos a Secretária Municipal de Cultura e diretora do museu Venuira Costa, aonde segundo a mesma “a estrutura vem de encontro à necessidade de um espaço para receber a população e poder expor o grande potencial que temos na nossa cultura”. A mesma disse que a nova instituição será colocada a disposição da população e oferecerá todos os requisitos para que tenhamos um espaço de qualidade e equipado para receber a nossa população.<sup>107</sup> Vemos que ao tempo que o museu abre as portas e é inaugurado, existe uma pretensão presente na fala na secretária de cultura em ampliar essa exposição para a comunidade em geral, para que esses indivíduos conheçam a história da região em seus aspectos culturais e materiais.

O Museu da Cidade de Parambu orienta sua missão para a preservação e proteção da experiência histórica, da cultura e da identidade locais, contribuindo tanto para a salvaguarda patrimonial quanto para a extroversão do conhecimento produzido sobre a cidade e sobre a ocupação deste território.<sup>108</sup>

<sup>106</sup> Segundo DUARTE, Manuelina. **PROJETO MUSEU DA CIDADE DE PARAMBU:IMPLANTAÇÃO DE UM PROCESSO**Op.16

<sup>107</sup> Depoimento ao Blog do Serafim Santos. Disponível em: <http://blogdoserafim.com.br/index.php/noticias/45-inaugurado-o-museu-arqueologico-e-historico-de-parambu>. Acesso em 01/06 q17

<sup>108</sup> DUARTE, Manuelina. **PROJETO MUSEU DA CIDADE DE PARAMBU:IMPLANTAÇÃO DE UM PROCESSO**Op.3

A partir dessas políticas públicas de preservação das memórias dos pequenos municípios, o Museu de Parambu-CE tem o ofício, segundo o que foi colocado acima, de preservar a identidade local, o patrimônio que envolve todo processo de desenvolvimento desse município, onde antes mesmo da sua inauguração foi feito um levantamento na região de possíveis referências e matérias patrimoniais, sejam ele material ou imaterial. Esse processo fez parte do momento de implantação dessa instituição.

Este impulso, no entanto, ainda não se disseminou de maneira homogênea pelos museus do país. Pequenos museus, situados em pequenas cidades, ainda carregam em suas exposições os traços da celebração, do proselitismo, da eleição excludente de atores históricos privilegiados, do etnocentrismo. A desconstrução discursiva, a saudável desnaturalização, a reflexão profunda e responsável sobre a essência e as consequências dos discursos que emanam ainda não foram plenamente estendidas às instituições museais do Brasil.<sup>109</sup>

Percebemos a partir da citação acima que essa abertura para criação de pequenos museus, ainda está muito preso aos ideais etnocêntricos, em perceber ou destacar apenas uma história a partir da colonização, esquecendo-se de outros atores sociais como os indígenas que vivem na região, o próprio nome ‘cococi’ é de origem indígena, no entanto, não se tem pesquisas que evidenciam esses indivíduos ou a própria instituição museológica, está muitas vezes vinculada a memória de atores privilegiados ou colocados numa categoria de heróis.

No entanto, para que a população de Parambu-CE tomasse consciência da implantação de uma instituição da memória local, esse projeto também trouxe um série de iniciativas para trazer a importância da preservação desses materiais e da memória regional. Nesse sentido, foram realizadas algumas intervenções como a “capacitação em serviço do pessoal do município envolvido com o processo, e a realização de uma série de ações educativoculturais, como seminários públicos, a organização de divulgações periódicas para a mídia impressa e radiofônica, entre outras.<sup>110</sup> Então percebemos que esse projeto não se preocupou com a implantação de um museu que “guardasse” essa memória, mas também em propor formas e propostas educativas para a população e os profissionais envolvidos no projeto.

Segundo o projeto Museu da Cidade de Parambu: Implantação de um processo:

Cococi é uma localidade muito emblemática para qualquer projeto ligado à memória de Parambu. Já tendo sido alçado a município e novamente voltando a distrito poucos anos depois, o local foi sendo aos poucos abandonado e hoje só residem lá duas famílias. As poucas edificações estão

<sup>109</sup> CAIRES, Rincon Daniel. O Historiador e os Museus: O caso do museu casa histórica de Alcântara como paradigma da Atuação da História nas Instituições Museais. p.454. **A história e o seus públicos**. Simpósio Internacional de História Pública. Universidade de São Paulo, 2012.

<sup>110</sup> DUARTE, Manuelina. **PROJETO MUSEU DA CIDADE DE PARAMBU:IMPLANTAÇÃO DE UM PROCESSO**p. 4-5

quase todas em ruínas, à exceção da igrejinha de Nossa senhora da Conceição (1720-1742), um primor do barroco sertanejo, que não deixa também de estar ameaçada pelo pouco uso. Lá só ocorre celebração uma vez por ano, nesta festa de que falamos.<sup>111</sup>

Percebe-se por meio da citação acima que a despovoada cidade ganha visibilidade dentro de projeto de implantação do Museu de Parambu, por trazer em questão o trabalho com a memória, sobretudo, como o povoamento da região dos Inhamuns. Dentre os mais importantes materiais, a cidade de Cococi, considerada museu vivo, palco de grandes produções cinematográficas, por suas peculiaridades em sua arquitetura e forma em desgaste, espaço de todo um processo de povoação da região, onde como ressaltamos no primeiro capítulo desse trabalho, Cococi tem um trajetória histórica riquíssima no que se refere à memória dos Inhamuns e o processo de urbanização da região correspondente.

A primeira intervenção feita pelo projeto foi o 1º Seminário do Projeto Museu da Cidade de Parambu, aberto a toda população local que teve como enfoque central ações educativas destinadas ao público, tendo em vista a importância da articulação com a comunidade como forma de inserir esses indivíduos na elaboração desse projeto, como percebemos nessa citação:

O seminário procurou identificar o que a própria população considera importante preservar na cidade e quais referências patrimoniais são significativas, sendo um momento de mapeamento desses saberes e recursos que existem na população e no território de Parambu. No seminário enfatizamos a metodologia interdisciplinar do projeto e a abertura para participação de pessoas locais na equipe, de forma a contribuir para a formação profissional daqueles que levarão adiante as outras etapas da implantação e a gestão do museu quando for formalizado como instituição.<sup>112</sup>

É notório, que em primeira instância o projeto “Museu da cidade De Parambu” do edital +Museus (2007/ 2008) do Departamento de Museus e Centros Culturais (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Ministério da Cultura) vai estar procurando intervir na sociedade em que será inserido o referido museu. O mais importante, é que esse projeto preza por articular-se aos saberes da comunidade, tendo em vista a importância dessa população estar ciente da importância da preservação desses referenciais patrimoniais e de memória do lugar presentes no município. Ao tempo procura a participação efetiva da população no mapeamento dos referenciais a serem preservados, assim também levando em

---

<sup>111</sup> DUARTE, Manuelina. p.5

<sup>112</sup> DUARTE, Manuelina. **PROJETO MUSEU DA CIDADE DE PARAMBU: IMPLANTAÇÃO DE UM PROCESSO** p.8

consideração toda a tradição oral desses indivíduos para contribuir para a implantação dessa instituição museológica no município de Parambu.

Nesse sentido, Cococi, a partir dessa tradição oral, relatos da comunidade e importância da despovoada cidade para o município de Parambu, o distrito ganha uma maior visibilidade dentro do projeto.

Cococi, como referência patrimonial ímpar para a população de Parambu, é indicada para vir a sediar o museu, em que pese as dificuldades de infraestrutura ainda a serem suplantadas. Sua história de origem remota, a trajetória de ocupação pelos brancos, a criação da fazenda por Francisco Alves Feitosas, a elevação a município e posterior rebaixamento, o abandono quase total do Lugarejo.<sup>113</sup>

Com isso, percebemos na citação acima que Cococi a partir da instituição do Museu de Parambu passa a ter uma maior visibilidade, tendo em vista que até então não existia um espaço de memória responsável pela preservação ou divulgação desse espaço. Como também essa memória não está restrita ao estreito espaço dessa instituição museológica, é também compartilhada oralmente, por aqueles que não querem que as lembranças de lugar de sociabilidades não se findem ao passar do tempo. É interessante perceber e ressaltar, por meio da referida produção cinematográfica dos alunos, que o município, sobretudo, as escolas estaduais/municipais estabelecem uma estreita relação com o museu, contudo, o museu desempenha um importante papel dentro do município, articula-se com a comunidade e apresentando ao público em geral, expondo a memória de Cococi, por meio de instrumentos e utensílios retirados das casas de Cococi, principalmente por trabalhar diretamente com a memória de Cococi, combatendo o esquecimento veemente que tanto persevera.

---

<sup>113</sup> DUARTE, Manuelina. p.13

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da narrativa desenvolvida, espera-se que esse trabalho fruto de quase dois anos no que tange a pesquisa, leituras, vivências e por fim, a escrita, demonstre que Cococi é um espaço que foi constituído a partir da divisão de sesmarias datadas e concedidas no período colonial a Família Feitosa, esta vinda de Portugal. Nesse sentido, passou a ser um abrigo dessa família, o que propiciou o desenvolvimento da agricultura e criação de grandes rebanhos de gado e cavalares. Por meio da análise feita, percebemos que os Feitosas tiveram o interesse de instituir Cococi enquanto município cearense, ao tempo que esta família latifundiária exercia forte influência na região, o que fez a cidade ser instituída em 1957.

Por este prisma, esta narrativa nos possibilitou refletir sobre a constituição de Cococi, percebemos que os Feitosas atuavam, sem se ater a fronteiras fixas, como trabalhamos no primeiro capítulo do trabalho, estes já vieram de outros estados, antes mesmo de chegar à região dos Inhamuns. O fato é que Cococi não resistiu politicamente por conta de grandes tensões políticas dentro da própria família, fazendo com que na terceira gestão administrativa do município, este fosse rebaixado ou não se manteve de pé por si mesma, quando o Estado veio submeter o poder das famílias latifundiárias na época.

É possível observar a partir do despovoamento de Cococi, que esse espaço foi marcado pelo abandono, ao tempo que as famílias começaram a evadir de forma gradativa, foi se constituindo um espaço apenas de memórias, lembranças do que foi vivenciado, ou seja, a cidade não seria mais palco de relações cotidianas, assim como os demais centros urbanos, não escutaria diariamente o sino da igreja tocar, ou até mesmo amizades, intrigas e desentendimentos.

Aqui ponderamos a importância desse trabalho, por trazer a sensibilidade da análise desse espaço muitas vezes esquecido, e por problematizar a questão da “cidade fantasma” denominação difundida por meio das produções jornalísticas e até mesmo dentro da própria comunidade pelo abandono. Sentimos que por meio desse trabalho Cococi foi lembrada, e de certa forma, o percurso das perdas e do esquecimento foi afrontado, ganhando assim, espaço e visibilidade e resistindo ao tempo.

Compreendemos que esse trabalho é de relevância não somente para a historiografia regional/local, por trazer questões acerca da colonização da região Inhamuns a partir da chegada da parentela dos Feitosas no Ceará, mas por sua importância social, ou seja, por se propor a tornar memorável a história de Cococi, a partir de marcas e memórias da cidade. Sobretudo, também se revela a importância dessa pesquisa para o curso de História, por se

tratar de um trabalho que propõe afirmar a importância de trabalhar com esses indivíduos que estão fora do discurso público ou marginalizados ao fazer o uso do recurso da história oral.

Consideramos a importância de estabelecer um diálogo com a História Pública, a qual nos proporcionou compreender o que o público produz sobre a memória de Cococi, até que ponto a conhece? Ao se deparar as produções fotográficas percebemos que estes têm o anseio de preservar a memória de Cococi, sobretudo, esse momento foi muito importante, exatamente pela articulação com as produções para além da academia ou de um conhecimento sistêmico. Ressaltamos também a importância da utilização da história oral por proporcionar uma relação tão próxima com os nossos depoentes, onde buscamos perceber até que ponto os entrevistados se envolvem com essa memória ou a entendem. Para tanto, a História Pública nos permitiu trabalhar com as diversas possibilidades e experiências históricas, o que enriqueceu esse trabalho.

Também percebemos que esse trabalho abre novos meios para futuros trabalhos, pois muitas problemáticas aqui precisam de outras investigações, pois temos ciência que esse trabalho abre novas possibilidades de ampliação, como por exemplo, a questão religiosa é um elemento de resistência dentro de todo esse contexto de abandono e esquecimento. No entanto, o nosso trabalho não tocou profundamente nessa problemática. Para tanto, buscamos durante esse trabalho perceber as lembranças cotidianas daquela cidade, sobretudo, o envolvimento dos indivíduos (comunidade, ex-moradores) que buscam a preservação dessa memória. Contudo esperamos que esse trabalho venha despertar até mesmo em outros pesquisadores o interesse em aprofundar-se nessa temática, pois enxergamos Cococi como um campo de possibilidades para se pensar a memória. É possível perceber ainda que este trabalho não esteja fechado ou terminado, mas esperamos que sirva de parâmetro para pesquisas futuras.

## Referências

### Bibliografia

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”*. XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.

ARAUJO, F. Araújo. **Araújos e Feitosas**: colonizadores do alto e médio Acaraú. Fortaleza: Gráfica Ramos, 1995.

AUGÉ, Marc. **O lugar antropológico**. In: Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade .3.ed. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.]

BOXER, Charles Ralph. **O império marítimo português (1415-1825)**. Tradução: Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 303.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAIRES, RinconDaniel. **O Historiador e os Museus**: O caso do museu casa histórica de Alcântara como paradigma da Atuação da História nas Instituições Museais. **A história e o seus públicos**. Simpósio Internacional de História Pública. Universidade de São Paulo, 2012.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Os Feitosas e o Sertão dos Inhamuns**: a história de uma família e uma comunidade no Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

COUTO Melo Gustavo. **Sertão dos Inhamuns: violência e relações de poder no interior da capitania do Ceará**. II Encontros Coloniais, Natal, de 29 a 30 de maio de 2014.

COUTO, Melo Gustavo. *Sertão dos Inhamuns: violência e relações de poder no interior da capitania do Ceará*. II Encontros Coloniais, Natal, de 29 a 30 de maio de 2014.

FEITOSA, Aécio. **Sesmaria dos Feitosas no Ceará**. Revista do Instituto do Ceará. 2001.

FEITOSA, Leonardo. **Tratado genealógico da família Feitosa**. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1985, p.99-324.

FILHO, Antonio V. F., Barros Antonio Iramar Miranda, org. **Nas trilhas do sertão**: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará. Sobral, CE: Sertão Cult. 2015, p.208p.

GOMES, José Eudes Arrais Barroso. **Senhores de Terras e de Gentes**: Os Poderosos Senhores das Armas na Capitania do Ceará (Século XVIII). In.: Revista Tempos Históricos. São Paulo, ano 10, n. 1. p. 295-322, 2007. p.298.

KHOURY, A. Yara. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Editora Olho d'Água.2000, p.95-116.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2262> Acesso em 19 de Julho de 2016.

KOSSOY, BORIS. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2007, 176p.

KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. In: GOMES, José Eudes Arrais Barroso. **Senhores de Terras e de Gentes: Os Poderosos Senhores das Armas na Capitania do Ceará (Século XVIII).** In.: Revista Tempos Históricos ano 10, n. 1. p. 295-322 set. 2007.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In.: **Revista do Projeto História**, Nº. 10, São Paulo-PUC-SP. Dez. 93.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In.: **Revista Brasileira de História.** Vol.27, n.53, pp. 11-23, 2007.

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos:** Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder.** Mnemosine, Rio de Janeiro, v. 5, n2, p.53-79, 2009. Disponível em: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas.* 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

SILVA, Rafael Ricarte. *O Sertão como espaço a ser conquistado: Doação de sesmarias e formação de uma elite conquistadora na Capitania do Siará (1679-1750).* XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH. Natal, 2013.

STURDART, Barão de. **João Carlos Augusto Oeynhausen e Manoel Martins Chaves.** Instituto do Ceará, 1909.

### **Monografias e dissertações**

ARAÚJO, Raimundo Alves de. **Família e poder:** a construção do Estado no noroeste cearense do século XIX (1830-1900) — Fortaleza, 2011, 221 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) Universidade Estadual do Ceará, 2011.

ARAÚJO, Reginaldo Alves de. **Quando a ordem chegou ao sertão: as relações entre o estado imperial e as elites da região do Acaraú – Ceará (1834 – 1846)** 2012, 293 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

LEITE, R X DA CRUZ. **Cococi-Ceará:** A cidade esquecida no tempo. Quem conta a história? Trabalho de Conclusão de Curso, 2011.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, George Ferreira da Costa,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
A cidade escrita no tempo: memórias, política  
 e rios urbanos em Cocoi-CCE).  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 01 de Novembro de 2017.

George Ferreira da Costa  
 Assinatura